12ª Audiência Pública - 15/08/2025

Tema: "Fibromialgia: Desafios no Diagnóstico, Tratamento e Reconhecimento Social da Doença em Rio Branco".

Autoria: Vereador Matheus Paiva – Requerimento Nº 221/2025

Presidente Vereador Matheus Paiva

Bom dia a todos! Sejam todos muito bem-vindos à nossa Casa Legislativa. Sob a proteção de Deus, declaro aberta a 12ª audiência pública da 1ª Sessão Legislativa da 16ª Legislatura realizada pela Câmara Municipal de Rio Branco, em 15 de agosto de 2025. Irei presidir essa audiência pública e serei secretariado pela minha colega e vereadora que está aqui ao meu lado, Elzinha Mendonça. Essa audiência pública tem como objetivo promover um amplo debate entre especialistas da área da Saúde, gestores públicos, representantes de associações de pacientes, pessoas acometidas pela condição e membros da sociedade civil. A iniciativa busca construir diretrizes e propostas que garantam mais acolhimento, acesso à informação e o fortalecimento de políticas públicas voltadas às pessoas com fibromialgia em nosso município.

Quero iniciar agradecendo a presença de todos que se dispuseram a participar desta audiência pública que aborda um tema que há muito tempo necessita de atenção e ação, que é a fibromialgia.

Essa audiência pública transcorrerá da seguinte forma: inicialmente, como autor do requerimento, farei minhas considerações iniciais e, em seguida, passarei a palavra aos demais presentes para o período de discussão. Logo após, os vereadores presentes farão uso da palavra, conforme ordem de inscrição, que poderá ser feita através de grupo de WhatsApp. Por fim, farei minhas considerações finais.

Registramos a presença e cumprimentamos os convidados conforme lista de presença: Senhora Rosilene Melo Queiroz, Presidente da Afibrac, a qual aproveito a

oportunidade, Lene, convida-la pra fazer parte aqui do dispositivo, sentar aqui ao nosso lado, por favor; Rafilene Bernardo de Lima, Vice-presidente da Afibrac; Carmen Germina Barros da Rocha, Membra do Conselho Fiscal; Doutora Lene Ramalho, Presidente da Comissão de Saúde da OAB; Maíra Hidalgo, Chefe da Divisão de Saúde na Escola da SEME; Rosa Maria de Souza Barbosa, Representante do Cereste da Sesacre; Natália Regina, da Associação Conviver com Fibro; Rosimara Werner, representante da Semsa. Práticas Integrativas e Complementares - PICS.

Neste momento, farei minhas considerações iniciais e passo os trabalhos à Secretária, Vereadora Elzinha Mendonça.

Secretária Vereadora Elzinha Mendonça

Bom dia! Quero cumprimentar a todos, antes de facultar a fala ao nosso Presidente Matheus Paiva, e aproveitar para agradecer a ele pelo convite de secretariar esta audiência pública tão importante pro nosso município. Quero também agradecer a presença de todos, dizer que a Câmara Municipal está à disposição e acredito que nós teremos um rico debate, porque o tema requer ação, e é isso que nós estamos fazendo nesta manhã.

Muito obrigada e concedo a fala ao Vereador Matheus Paiva. Vossa Excelência dispõe de 10 minutos.

Vereador Matheus Paiva

Bom dia a todos! Como já fiz minha abertura ali no dispositivo, serei bem breve, não usarei os 10 minutos, porque já estamos iniciando com um pouquinho de atraso.

Primeiramente, agradeço a cada um dos presentes anteriormente citados e também aos nobres colegas vereadores que aqui estão. Na sexta-feira nós não temos sessão ordinária aqui na Casa, então esse tempo é aberto justamente para esse tipo de debate. Então, queria agradecer a presença do meu amigo Vereador Neném Almeida,

Vereador Bruno Moraes, Vereadora Lucilene Vale, Vereadora Elzinha Mendonça, a qual já agradeci pela presença e por me secretariar, e agradecer e registrar também a presença do nosso Secretário Municipal de Saúde Rennan, muito obrigado pela presença. Gostaria de fazer um agradecimento especial. Hoje, vereadores, pela primeira vez, tenho a honra de presidir uma audiência pública na companhia da minha mãe, que está aqui presente, Sara Bonfim, obrigado, mãe. Ontem, eu conversando com ela, falei que estava com muito medo e preocupado dessa audiência pública, da gente não ter público aqui hoje. Ela disse: “Meu filho, vamos orar que vai dar tudo certo, Deus vai tomar conta”, e, graças a Deus, essa sala de sessões está lotada, a galeria está lotada. Então, obrigado a todos os presentes, todos que estão na galeria, população de Rio Branco que nos acompanha pelas redes sociais, pelo YouTube, imprensa aqui presente também, o meu muito obrigado.

Senhoras e senhores, é com grande responsabilidade e profundo respeito que iniciamos esta audiência pública sobre fibromialgia, que tem como tema: Desafios no Diagnóstico, Tratamento e Reconhecimento Social da Doença em Rio Branco. Essa audiência foi proposta por nosso mandato com o objetivo de dar visibilidade a uma condição que afeta milhares de pessoas, mas que ainda é cercada de preconceitos e invisibilidade, que é a fibromialgia. Hoje reunimos aqui pacientes, familiares, profissionais da Saúde, representantes da sociedade civil, do Poder Público e especialistas para um diálogo aberto e respeitoso sobre os principais entraves enfrentados com quem convive essa síndrome. Entre os temas estão: a dificuldade no diagnóstico, no acompanhamento médico; a necessidade de um tratamento multidisciplinar eficaz; o acolhimento na rede pública de saúde e a luta pelo reconhecimento da fibromialgia dentro da sociedade. Estão presentes conosco nesta audiência representantes da Secretaria Municipal de Saúde, profissionais de reumatologia, representantes da Defensoria Pública, pacientes e associações da sociedade civil e demais convidados comprometidos com a causa.

Quero, mais uma vez, agradecer imensamente a presença de todos e reforçar que esta audiência não é apenas um espaço de escuta, ela é um ponto de partida para ações concretas, projetos de lei e políticas públicas que garantam dignidade e acolhimento às pessoas com fibromialgia em nosso município. Sejam todos muito bem-vindos à nossa audiência pública. Obrigado. (Aplausos).

Secretária Vereadora Elzinha Mendonça

Antes de repassar os trabalhos pra o Presidente dessa audiência pública, como ele já registrou a presença do nosso Secretário Municipal de Saúde, Rennan Biths, dizer que o senhor é muito bem-vindo. Eu acredito, Matheus, que você têm que se sentir honrado que o secretário se faz presente, como os demais convidados, né, que estão aqui nesta audiência.

E eu também queria falar sobre a fala do nosso Presidente, que ele estava com medo. Eu disse para ele, dona Sara, que esse frio na barriga dá em todo mundo, todas as vezes que a gente vai fazer um evento, né, que tem uma relevância, no entanto, às vezes a gente fica com receio, né, de achar que as pessoas não vão se interessar. Mas, graças a Deus, sempre dá certo, porque a gente tem o coração aberto, eu tenho certeza que o Matheus, quando fez essa proposição dessa audiência pública, foi no intuito de realmente mostrar que a Câmara Municipal tem esse objetivo de estar ajudando, de estar buscando soluções pra essa doença que assola tantas pessoas, tantas mulheres, tá bom?

Repasso os trabalhos ao Vereador Matheus Paiva.

Presidente Vereador Matheus Paiva

Obrigado pelas palavras, minha colega Elzinha Mendonça. Acho que, como todos já perceberam o motivo de eu ter escolhido a sua experiência política, a sua oratória, enriquece a nossa audiência e o nosso debate. Muito obrigado.

Quero registrar a presença também da Celene Maia, Representante da Sesacre, representando a Secretária Ana Cristina, Secretária-adjunta da Sesacre, e também da Aline, da rede de PCD da Sesacre também.

Declaro aberto o período de discussão. Cada convidado disporá do tempo de cinco minutos. Ouviremos agora a Senhora Rosilene Melo Queiroz, Presidente da Afibrac.

Oradora: Sra. Rosilene Melo – Presidente da Afibrac

Bom dia pra todos! Cumprimento a Mesa na pessoa do Vereador Matheus Paiva, Vereadora Elzinha Mendonça, secretário, muito feliz em tê-lo aqui na nossa audiência pública. Cumprimento os demais presentes, os vereadores que estão aqui presentes, agradeço a presença de vocês, né, é de suma importância que os demais vereadores estejam presentes, né. Cumprimento as colegas fibromiálgicas que estão ali na galeria, né, as nossas amigas associadas, que fazem parte também do nosso Conselho Fiscal, da nossa diretoria, né. Estou muito feliz por estar aqui nessa manhã, nesse dia de hoje, nessa audiência pública. Eh, eu quero parabenizar o vereador Matheus por essa iniciativa e agradecer pelo apoio também nessa causa.

Há um tempo a gente não vinha aqui na Câmara, né, pros vereadores que estão agora nesse pleito, os novos vereadores. A Vereadora Elzinha Mendonça sabe, em outros tempos nós estivemos aqui fazendo audiências públicas, na Tribuna Popular quando a ex-vereadora Lene Petecão estava no mandato, né. A Lene foi uma pessoa que abraçou a nossa causa e que deu voz à fibromiologia aqui na Câmara, no município, né. Inclusive, se ela estiver nos vendo, nos assistindo, quero mandar um abraço, Lene, e gratidão por tudo que você fez pela nossa causa, né, porque ela apoiou a nossa causa, nós tínhamos leis, né, que não tinham sido implementadas, não tinham saído do papel. E ali a Lene brigou junto com a gente, quando eu procurei ela e aconteceu muitas coisas, né, as leis começaram a ser cumpridas. Então, nós não estivemos no início do ano aqui, né, meu pai faleceu no mês de fevereiro, então foi um grande abalo, não deu

pra gente vir nem aqui na Tribuna, né, falar sobre a fibromiologia e o lúpus. Mas eu quero agradecer o apoio também, o ex-vereador Artêmio, que foi uma pessoa que também abraçou a nossa causa, né, quando nós sentamos com ele, ele até é o autor do projeto de lei das filas preferenciais. Então, é isso que nós queremos, né, dos demais vereadores, esse apoio. Assim como o Artêmio apoiou a nossa causa, como a Lene Petecão apoiou a nossa causa, nós queremos o apoio de todos vocês.

Eu quero dizer que a fibromiologia é uma causa, é uma causa nobre, né. Nós não temos partido, nós temos uma causa. Mas nós dependemos dos vereadores pra que as leis sejam efetivadas, né. Então, nós precisamos do apoio de todos vocês, né. A Elzinha Mendonça, ela tem uma irmã que tem fibromiologia e ela sabe muito bem o que a irmã dela passa, né, com as dores, que não são fáceis. Então, queremos o apoio tanto do Vereador Matheus, da Vereadora Elzinha Mendonça, né, como dos demais vereadores aqui dessa Casa, que possam levantar essa bandeira, né, junto com o vereador Matheus, nós precisamos muito desse apoio de vocês. Vou tirar a máscara, que talvez esteja um pouco ruim pra falar, porque eu tô um pouco gripada. E eu fico muito feliz em ver o Secretário Municipal de Saúde na audiência pública, né. É uma honra quando nós vemos o gestor presente porque isso significa que tem empatia pela causa, né. Então, isso é muito importante. Já tivemos audiências públicas que os secretários não estavam, né. Então, em ver ele aqui, eu fico muito feliz, secretário, de o senhor estar aqui. Eu não sei, a Soron não está presente, a Fundhacre, né, eu gostaria muito que ela estivesse aqui, ela tem comparecido nas nossas audiências públicas. Quero agradecer também a presença da Sesacre aqui, né, e a Secretaria Municipal de Saúde, que é o secretário que está representando.

Eh, eu quero dizer que não é fácil, né, ter fibromialgia, o diagnóstico da fibromialgia. É uma doença invisível, né. Vocês, olhando pra mim, não acham que eu tenho fibromialgia, que eu tenho lúpus e que tenho outras doenças. E, com isso, nós sofremos muita discriminação, muito preconceito por ter uma deficiência que é

invisível aos olhos da sociedade. E essa é a nossa luta, pra que a fibromialgia, ela saia da invisibilidade, né, que ela se torne visível, que as pessoas possam ter empatia, possam compreender as pessoas que sofrem com essas dores, porque seja no meio da sociedade, seja no meio dos familiares, muitos são discriminados. Há casos de mulheres, né, fibromiálgicas que, quando tiveram o diagnóstico da doença, o cônjuge abandonou, né, ou vice-versa; a família desdenha, fala que a pessoa tá com preguiça, porque não entende o que nós passamos. Então, muitos de nós, fibromiálgicos, sofremos discriminação no meio da sociedade, no meio familiar, no trabalho, na faculdade. Então, essa é a nossa luta, pra que as pessoas com fibromialgia sejam respeitadas, pra que a fibromialgia saia da invisibilidade, que o Poder Público possa nos ajudar, nos apoiar. É isso que nós pedimos aqui nesta manhã, nesta audiência pública. E como a Sesacre está presente, eu gostaria de ter uma fala diretamente pra Sesacre, né. Eu tenho uma fala também pra Fundhacre. Se não tiver nenhum representante da Fundhacre aqui, eu acredito que a Sesacre pode repassar pra Fundhacre. Primeiramente, eu quero agradecer à Sesacre por ter atendido à reivindicação da nossa associação Afibrac-DL. No dia 12 de maio nós tivemos uma audiência pública na Aleac, em alusão ao Dia Nacional e Mundial da Fibromialgia. E lá nós fizemos algumas reivindicações, e, entre elas, foi para que o CREME, né, a Farmácia de Alto Custo do Estado, ela voltasse a ter o atendimento que era antes, que atendia no período da manhã e no período da tarde, porque, até então, funcionava só até às 14h. E aí nós fizemos esse pedido, porque, eh, nós tínhamos recebido muitas reclamações de pacientes que só podiam ir lá tarde, depois das 3, só que só funcionava até as 14h. E a Ana Cristina, ela estava na nossa audiência pública, e ela se comprometeu, né, e com poucos dias o CREME voltou a atender no período da manhã e no período da tarde. Então, assim, eu quero agradecer à Sesacre por ter atendido essa nossa reivindicação. E também, se eu não me engano, eu acho que a Sesacre voltou a funcionar também no período da manhã e da tarde, né. Então, assim, isso ajuda muito os pacientes, porque tem paciente que só pode ir ali depois das 15h. E

antes, quando funcionava às 14h, ficava complicado. Então, eu quero fazer esse agradecimento aqui, né, porque é louvável quando nós fazemos uma reivindicação e que o gestor nos atende, que ele tem essa empatia e esse compromisso. Então, eu deixo aqui registrado meus agradecimentos porque nós cobramos, mas também nós sabemos agradecer. Nós sabemos reconhecer quando o nosso pedido, a nossa reivindicação, ela é atendida. E eu vou continuar falando, batendo nessa tecla, a respeito da lei estadual, a Lei 3.752, que é de atendimento prioritário para as pessoas com fibromialgia e lúpus. E eu gostaria de pedir a regulamentação dessa lei, porque a lei ainda está no papel. Nós temos pedido da Sesacre pra que faça as confecções das carteiras estaduais, por quê? Nós temos pacientes que fazem tratamento na Fundação e que são dos municípios adjacentes, né, são de Epitaciolândia, Brasiléia, Plácido de Castro, Porto Acre, e vêm fazer tratamento aqui. Como nós temos a carteirinha de atendimento prioritário referente à lei municipal, essas pessoas não podem fazer essas carteiras aqui, porque elas residem em outros municípios. E tem municípios que não têm essa lei e tem outros que têm a lei, mas ainda também a secretaria não fez a confecção das carteiras, mas essas carteiras só valem dentro do seu município. Então, nós temos sempre pedido isso da Sesacre, né, porque esses pacientes, quando chegam na Fundação, não têm carteirinha pra apresentar, ou então se precisar ir nas UPAs. Então, a gente tem cobrado isso da Sesacre pra que faça regularmente essa lei, faça a confecção das carteiras, e também que faça um levantamento de quantas pessoas fibromiálgicas têm no estado, porque sempre as pessoas me perguntam quantos fibromiálgicos têm e eu não sei dizer. Eu sei dizer no município, que a última atualização que eu tive, tinha três mil e poucas pessoas, eh, com diagnóstico cadastrado no município, né. Às vezes a imprensa pergunta: “Quantos fibromiálgicos têm no estado?”, eu não sei dizer. Então, a Sesacre precisa fazer esse levantamento. E o levantamento é quando for fazer a confecção das carteirinhas, que for fazer o cadastro. Através desse cadastro, a Sesacre vai fazer esse levantamento e saber quantas pessoas têm o diagnóstico fechado de fibromialgia no Estado do Acre, isso é

muito importante pra nós, né. Outra coisa que eu quero pedir pra Sesacre é a capacitação, né, dos profissionais de Saúde e a acolhida dos pacientes fibromiálgicos, porque, infelizmente, isso tá bem complicado. Tem pacientes que vão na URAP, ou na UPA, e até mesmo na fundação e quando chega lá pra ter atendimento, fala que tem prioridade, mostra carteirinha, e eles falam, tipo assim, muitos ficam desdenhando: "Ah, aqui todo mundo tem fibromialgia, aqui todo mundo tem prioridade". Não é, nós somos amparados por duas leis: uma lei municipal e uma lei estadual. Então, nós gostaríamos que esses profissionais fossem capacitados pra ter conhecimento da lei, pra saber o que é fibromialgia, até mesmo pra saber como atender o paciente fibromiálgico, porque muitas vezes o paciente procura a UPA com crise de dores e ali é maltratado. O paciente sai dali pior do que ele chegou, do que ele entrou ali, né. Então, assim, que tenha essa acolhida com os pacientes, que tenha esse atendimento humanitário com os pacientes fibromiálgicos. Então, é isso que nós pedimos da Sesacre. Outra coisa que eu gostaria de pedir é placas de identificação, né, que tenha nas unidades de Saúde do estado. Nós temos pedido isso pra Fundhacre, pra Soron, em reuniões que nós temos com ela, que seja colocado, porque aquela placa de identificação ajuda também o profissional que tá ali na recepção, ele saber que aquele paciente tem prioridade. Então, a gente tem pedido isso. As pessoas podem pensar: ah, isso é besteira. Não é besteira, gente. Aquela placa, ela ajuda muito na identificação, porque por mais que o funcionário, ele não tenha conhecimento, mas o paciente pode falar, olha ali, aquela placa ali, aquela ali, ela me ampara. Lá no INTO, o INTO tá de parabéns, porque o INTO deu exemplo. Quando nós chegamos lá no INTO pra ter atendimento, fazer exames, lá tem as placas de preferencial e tem o laço lá, quem já foi no INTO viu, e tem o nome fibromialgia. Lá tem um tratamento humanizado lá no INTO. Toda vez que eu chego lá pra fazer exames, eles já perguntam, qual é a sua prioridade? Aí eu mostro a carteirinha, então eles dão prioridade. Então, nós gostaríamos que fosse assim também na Fundhacre, que fosse assim lá nas UPAs, que fosse assim no PS, da mesma forma que é no INTO. O INTO, ele deu exemplo. E é

isso que nós pedimos pras demais unidades, né, do estado. **(Presidente Vereador Matheus Paiva: Um minuto, Lene, por favor, pra concluir, tá).** E outra coisa que eu gostaria de pedir é que tenha uma união entre a Semsa, a Sesacre e a Fundhacre, porque nós estamos lutando pra ter um centro de dor crônica aqui no nosso estado, que é de suma importante. Alguns estados já têm, o Município de Cachoeirinha, as colegas lá conseguiram essa conquista, né, os centros de dor crônica com a equipe multidisciplinar, porque é isso que nós precisamos. O nosso tratamento não é só com reumatologista, nós precisamos de nutricionista, nós precisamos de psicólogo, nós precisamos de psiquiatra, nós precisamos de uma equipe multidisciplinar. Se eu for selecionar aqui os especialistas que eu tenho acompanhamento e que eu preciso, são mais de 10, porque eu tenho acompanhamento com dermatologista, reumatologista, oftalmologista, o da tireoide, que eu não voltei mais com ele, tô aguardando pro neurologista desde outubro do ano passado, né. Então, eu tenho acompanhamento com mais de dez especialistas. Então, nós precisamos desse ambulatório de dor crônica, e aqui eu quero pedir o apoio dos nobres vereadores dessa Casa: nos ajudem nessa luta pra que nós consigamos e venhamos conseguir esse ambulatório de dor crônica, porque vai ser uma grande conquista aqui pro Acre e o Acre vai servir de exemplo pra região norte, nós conseguir esse centro de dor crônica, então isso é o que eu peço pra Fundhacre. E quanto à questão das medicações pregabalina e duloxetina, eh, eu gostaria de falar sobre a duloxetina. Essa medicação, ela tem no Hosmac, só que é pros pacientes que fazem tratamento lá, com a receita de lá. Essa medicação, vez ou outra, ela tem na Policlínica do Tucumã, só que quando chega, não dá pra quem quer. Então, eu já sentei com a Sesacre anos atrás, fizemos ofício, entregamos lá, pra que fizesse um levantamento de quantas pessoas tomam e que a Sesacre pudesse comprar uma quantidade maior dessa medicação, porque muitos pacientes não têm nenhuma renda familiar, não têm condições de comprar medicação. Já teve pacientes que falaram assim: “Lene, ou eu compro essa medicação ou eu compro essa outra, porque eu não tenho condições”, né. Então, eu peço isso encarecidamente à Sesacre, que olhe

com carinho, né, que possa fazer, eh, esse levantamento e que possa disponibilizar essa medicação numa quantidade maior, porque nós até entramos pela Defensoria Pública, mas a Sesacre alegou que essa medicação tem na policlínica, só que ela vem uma vez na vida, ela passa quase ano sem ter essa medicação e, quando chega, não dá pra quem quer. Vereador, eu gostaria de pedir mais tempo, porque hoje é o dia de nós estarmos aqui e eu não posso sair daqui e deixar de falar o que eu vim pra falar, né. Então, hoje é a oportunidade, o senhor me convidou. Eu falei que eu vinha, então eu estou aqui e eu quero falar o que eu tenho pra falar. **(Presidente Vereador Matheus Paiva: Mais cinco minutinhos).** Então, eh, o que eu tinha pra Sesacre, pra falar, era essa reivindicação que eu gostaria de fazer pra Sesacre. E eu gostaria muito... tem alguém da Fundhacre aqui, presente? Infelizmente, não chegou ninguém. Não sei se ainda vão vir, né, mas, eh, eu gostaria de reforçar o que a gente já vem pedindo também na Fundhacre, pra que coloque as placas preferenciais, né, o símbolo de fibromialgia lá, porque como eu já relatei aqui, senhores, eu quero comentar com vocês uma situação de uma paciente que ela chegou na Fundhacre pra ter um atendimento, eu acho que era um exame que ela ia fazer, era endoscopia e ela estava com muita dor e ela pediu senha preferencial e lá eles falaram assim: “Ah, aqui todo mundo tem fibromialgia, todo mundo é preferencial. Agora todo mundo quer ser preferencial, se for pra fila do motel também é preferencial”. E aí ela disse que ela estava tão mal nesse dia, que ela não teve nem como reagir, rebater, mas eu acho isso um absurdo. Por isso que nós estamos pedindo que coloquem essas placas preferenciais lá na Fundhacre, assim como tem lá no INTO, pra que não aconteça esse tipo de situação com o paciente. Eh, sabemos que o paciente fibromiálgico, qualquer abalo emocional, já entra em crises, né. Então, é isso que nós queríamos pedir lá pra Fundhacre. Outra coisa também, eh, que a gente sempre tem reivindicado, é sobre a demora das consultas, né. Eu acho que a Fundhacre, junto com a Sesacre, pode tentar sentar e ver uma possibilidade pra resolver essa situação, porque o certo seria nós já ter ali a consulta garantida. Antigamente, antes, na Fundhacre era assim que

funcionava. Eu faço tratamento lá há 22 anos, eu fui diagnosticada com lúpus em 2003 e depois veio o diagnóstico da fibromialgia. Quando eu consultava lá, antes, uns anos atrás, quando nós saíamos da consulta, a consulta já ficava marcada lá pra tantos dias, né. E hoje, a gente deixa lista lá, fica na lista de espera e tem paciente que passa um ano, até dois anos, sem conseguir retornar com o reumatologista. E, com isso, o paciente perde a medicação, fica sem medicação, fica sem o tratamento que era para ter o tratamento naquela data que a médica colocou lá. Eu mesma já era pra ter voltado com a minha reumatologista e, até agora, eu não retornei com ela, tô com os exames prontos e, até agora, nada de me chamarem. Como eu falei, eu tô aguardando consulta pro neuro de urgência, porque devido a eu ter lúpus, o lúpus dá AVC e eu tenho sentido forte as dores de cabeça, então minha médica me encaminhou pro neuro, mas até hoje eu não fui chamada pro neuro. Então, eu vou bater nessa tecla novamente, que possa resolver essa situação das consultas na Fundação Hospitalar, que o paciente, ele possa ter a sua consulta garantida e voltar naquela data que a médica colocou. Muitas vezes, quando a gente volta com a médica, eu digo por mim, a minha médica falou: “Agora que tu tá vindo, esse tempo todo!”, eu falo: doutora, se fosse pela minha vontade, eu já teria vindo aqui, o problema é que não me chamaram, né. Então, eu faço essa mesma reivindicação, que a Sesacre possa passar isso pra Fundhacre, né, que possa resolver essa situação das consultas, dos retornos com os reumatologistas, né, para os pacientes fibromiálgicos. Outra questão é sobre os exames que nós temos pedido, pra que tenha também a vitamina D, a vitamina B12. Nós temos, até nas conferências, nós temos colocado as propostas, pra que o exame FAN, que é um exame de suma importância, que ajuda a dar o diagnóstico do lúpus, de outras doenças autoimunes, ele seja implementado na rede pública, né, no SUS, porque nós não temos, e os pacientes, como eu falei, não tem condições de muitas vezes pagar esse exame, e é isso que nós temos pedido. Porque na Policlínica do Tucumã faz o exame de vitamina D e na Fundação eu não sei se tá fazendo, mas na Fundação nunca tem reagente. Eu já tenho uns quatro anos que eu não faço exame na

Fundação, eu faço lá no Barral porque quase todos os meus exames são no Barral. E eu quero aproveitar que o secretário tá aqui, ver essa possibilidade, secretário, de ter a vitamina D, porque já teve no Barral. Eu já fiz esse exame lá, já, né, mas, não sei porque, esse exame deixou de fazer lá no Barral. Então, já aproveito aqui o secretário pra fazer esse pedido também. E também que nós temos pedido que tenha essa capacitação de profissionais também, na Fundhacre também, isso nós temos pedido pra Soron, né. Agora, aproveitando o secretário, já vou terminar, vereadora, vereador. Eh, eu gostaria aqui de me direcionar pra Semsa, na pessoa do Secretário Rennan, não sei falar bem o sobrenome, Rennan, eh, lá no Barral, eu até já me reuni com a diretora, acho que é de política da Semsa, a Joyce e o que eu falei lá, uma questão, lá na farmácia do Barral, acontece o seguinte: quando a gente vai pegar medicação, aquela maquininha lá das senhas não funciona, só tira a senha ali, normal; e a senha preferencial a gente fica sentado nas cadeiras pretas ali. E muitas vezes a gente passa por constrangimento, porque nós temos uma deficiência que é invisível. E quando a gente tá sentado ali nas cadeiras pretas, as pessoas chegam aí, mesmo que a gente vá com colar de girassol, com a carteirinha. Já aconteceu comigo diversas vezes, a pessoa fala assim: “Moça, pega a senha normal ali, aqui é preferencial”, aí eu falo: eu sou preferencial, eu tenho fibromialgia, eu tenho lúpus, eu tô amparada por lei. E isso é meio constrangedor pra gente. E aí tem pessoas até de 60 anos, chega, aí senta lá na frente, eu fico quieta, eu não vou questionar, mas isso é muito constrangedor pra nós. Eu gostaria que pudesse arrumar ali e colocar aquela máquina ali ou colocar outra máquina ali, pra que tenha, nós conseguimos tirar a senha preferencial, porque quando a gente tá com a senha preferencial na mão ninguém vai questionar, chama lá no painel e a gente vai, mas aquelas cadeiras pretas ali é muito constrangedor pra quem tem doença, deficiência invisível, porque as pessoas que têm uma deficiência que é visível, chega ali, acha que nós não temos nada, quer passar na frente, fica questionando a gente. Então, eu já pedi isso pra Joyce, eu quero pedir também pro senhor rever essa situação aí, o que pode ser feito, tá bom? Eh, outra coisa também é

a capacitação dos profissionais também, nas unidades de Saúde, né, que esses profissionais, eles sejam capacitados, né, pra atender o público de fibromialgia, porque, assim como acontece no estado, acontece no município também. Lá na unidade de Saúde, no meu bairro, lá no Barro Vermelho eu moro, o senhor sabe onde é, e já aconteceu, eu fui 6h da manhã pra pegar a ficha, eu era a quinta pessoa e quando eu cheguei lá, eu falei pra moça lá, coordenadora, eu disse: moça, eu sou preferencial, eu tenho fibromialgia e lúpus, aí ela: "Tá", e nisso passou, deu 9h, 10h, e eu era a quinta da fila. E chegou pessoas 8h e foi passando na minha frente, aí eu fui lá de novo: moça, tô passando pra te lembrar que eu sou preferencial, ela: "Tá bom". Deu 10h, né, 10h30 e nada. Aí eu fui lá e digo: moça, eu sou preferencial, olha aqui a minha carteirinha. Eu fui a quinta a chegar, todos que estavam na minha frente foram atendidos e você ainda não me chamou. Aí ela olhou: "Ah, mas aqui no sistema não conta que você é preferencial", né. Então, como acontece lá, **(Presidente Vereador Matheus Paiva: Lene, pode concluir, por favor)** acontece em outras unidades de saúde. Então, eu gostaria que o senhor pudesse rever isso, que pudessem colocar também as placas de preferencial nas unidades de saúde e que houvesse uma capacitação pra esses profissionais, pra que eles possam saber que tem uma lei, que o paciente, ele tem esse atendimento, né, prioritário. Então, é isso que eu gostaria de falar, já falei sobre os exames, a vitamina D.

Então, eu agradeço aqui a minha oportunidade e conto aí com a colaboração do nosso secretário municipal de saúde e com a sua sensibilidade nessa causa, né. Agradeço o vereador, a Vereadora Elzinha Mendonça e conto com o apoio de todos vocês e dos demais vereadores que estão aqui presentes. O Vereador João Paulo, que é da Saúde, né. Então, contamos com a presença de todos vocês. Obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Obrigado, Lene, pelas palavras.

Eh, pessoal, nós sabemos que é um debate importantíssimo, é um debate rico de informações, eh, de requerimentos, né Lene. A gente sabe da dificuldade que vocês enfrentam, mas pra que a gente faça um debate justo, eh, nós precisamos dar voz a todos que estão inscritos pra falar. Então, gostaria aqui também de agradecer e registrar a presença da Milvia Regiane da Silva Cavalcante, Primeira-secretária da Afibrac; o vereador, meu colega de parlamento, Zé Lopes, e o Vereador João Paulo, muito obrigado pela presença.

E agora, com a palavra, Raflene Bernardo de Lima, Vice-presidente da Afibrac. Raflene, você dispõe de cinco minutos.

Oradora: Sra. Raflene Bernardo de Lima – Vice-presidente da Afribrac

Bom dia a todos! É uma honra eu estar aqui hoje, vendo tantas pessoas. Obrigada, Deus, por esse momento. Só tenho a agradecer a Deus. E eu estou aqui pra reforçar mais o que a minha colega já expôs aqui, né, a Lene Queiroz. Fazer o agradecimento ao nosso vereador, a Elzinha, secretário, é uma honra você estar aqui conosco hoje. Eu só tenho a agradecer a Deus, né, e pedir a Ele a sensibilidade a todos vocês, que entrem no coração, que vocês escutem a nossa voz, o nosso pedido de socorro, o nosso pedido de ajuda, pra que nós possamos nos fortalecer e realmente garantir os nossos direitos. Eu vejo que o nosso amigo vereador estava ontem lá na UFAC, né, nós estávamos colocando as nossas propostas sobre os nossos direitos, direitos que muitas vezes são engavetados, né, infelizmente, mas por quê? Porque nós, seres humanos, somos falhos, né, mas nós temos um Deus que só Ele tem a capacidade de mudar o ser humano, né, porque uma coisa é eu falar e outra coisa é eu agir, né. Então, eu tô aqui encarecidamente pedindo a vocês que nós possamos nos unir. Vocês, mulheres, que estão aí na bancada, dá uns picos de memória (ri), porque eu tenho lúpus e fibromialgia, e eu tô aqui, gente, eu tô pela misericórdia, eu só não tô sentindo dor nos fios de cabelo, mas, no resto, eu estou. Mas, eu pedi pra Deus: Senhor, dá-me força, sabedoria e discernimento. E aí, como eu não posso me estender muito, porque a

nossa amiga já passou o tempo, eu vou falar aqui pra vocês as nossas demandas, que eu, Raflene, eu tenho aqui um retorno de 15 dias, a minha consulta foi dia 20/6, meu retorno com a doutora Adriana Marinho, que ela voltou pra Fundhacre. E aqui, no dia da minha consulta, eu passei muito mal. Eu era, eu acho que a 15ª, por aí, só que eu passei mal na hora que a moça pediu meus exames e eu fui pra lá, sabe que hora eu saí da Fundação? Sete horas da noite. Isso, eu cheguei 1h30, porque a minha consulta estava pras 2h da tarde, que agora a Adriana Marinho faz, ela atende à tarde, toda sexta-feira. E aí foi dia 20/6 e ela colocou aqui, ó: 15 dias, que dia é hoje? Que dia é hoje, gente? Alguém pode me responder? Quinze de agosto, né? E aí, eu fui atendida pela Adriana Marinho lá na sala de emergência, eu fui a última paciente a ser atendida e eu tô aqui com retorno, tô aqui com meus exames que não são feitos pela rede pública, mas eu tenho direito, a lei me ampara, mas que não são feitos, secretário, por que falta o quê? Reagente. Aí eu tô sem minha medicação de alto custo, também por falta de exame, que não tem reagente. Eu faço, todo retorno eu faço todos esses exames aqui pra ver como é que está, né, o meu organismo. Eh, eu preciso desse exame aqui pra mim pegar minha medicação de alto custo, ele já tá pronto, mas se demorar, ele vai vencer; aí eu vou ter que fazer de novo. A gente aplica um reagente na pele e, pra dar esse resultado aqui, aí eu vou ter que fazer de novo, porque aí vai mexer com o meu organismo, vai deixar mais fraco, né, porque o lúpus em si, ele já mexe com todos os órgãos do corpo humano. E aí a gente fica a mercê do quê? Dos reagentes. Como a minha amiga falou, a Lene Queiroz falou, a gente já teve várias reuniões com a Sesacre, várias reuniões com a Fundhacre e esses exames são feitos lá, tudo ok. Aí eu chego lá, venho marcar: “Não, não tem reagente”. E aí? Eu, infelizmente, eu não tenho condições de pagar meus exames particulares, porque o lúpus a gente só descobre com exames particulares e a rede pública não oferece o FAN, o C3, o C4, o DNA. E aí é difícil, gente. Eh, às vezes eu fico triste porque a gente não tá aqui pedindo favor, é um direito. Cadê o direito de igualdade? O direito à saúde digna, né? E é isso que eu queria que vocês, eh, pensassem, repensassem e nos

ajudassem, porque não é fácil. Não é fácil eu estar aqui hoje, porque eu quero que as pessoas tenham voz, não só pra mim, mas pra todos. (Falando emocionada) Cadê os direitos iguais? Nós não temos. É dor. Olhem pra mim, sinceramente, olhem pra mim, vocês acham que o meu estado físico diz que eu tenho lúpus, que eu tô com muita dor aqui agora? Não, porque é eu que tô sentindo. Às vezes, até eu, eu entendo vocês que estão aí, porque eu olho e digo assim: gente, eu tô com tanta dor, senhor, eu tô com tanta dor, mas cadê? As minhas mãos doem, os meus dedinhos doem, as minhas unhas doem, meus dentes quebram com água, tomando água. Então, é difícil. Eu mesma me olho no espelho e digo: Raflene, às vezes eu brinco, sabe, gente, eu digo: linda, maravilhosa, eu te amo tanto, mas cadê? Dói tudo, gente, dói tudo. Eu já tive um câncer, eu estou aqui por um propósito, porque eu venci um câncer, eu descobri o lúpus, a fibromialgia, a esclerodermia, cirrose biliar primária, artrite reumatoide e agora, essa semana passada, eu descobri que eu tô com diabetes. Eu estava pré, já estava fazendo tratamento. Devido às complicações de falta de medicamento, falta de exame, vai se agravando. Deu alteração nos meus rins, como a minha amiga Lene também, ela já teve os rins lesionados. Quantas pacientes vão a óbito, porque os médicos não sabem o que é lúpus ainda, entendeu? Então, meus amores, vamos buscar o nosso direito, não com confusão, não com vandalismo, gritando, como se diz, fazendo protesto, mas sim falando realmente, buscando aqui, pedindo apoio dos nossos vereadores, fiscalizando, porque quem são os fiscais? Eles são os fiscais do prefeito? E quem são os fiscais dele? Quem? Nós, que damos poder a eles. Então, essa é a minha fala, e eu agradeço. A gente tem muito que falar ainda, muito que buscar, muito que colocar, mas que tire tudo isso aqui do papel, não só em falar, mas nos unir, não só a proposta de ter uma vida digna, né. A dor vai passar? Não. Eu vou ficar boa? Não. Mas eu quero terminar os meus dias com dignidade. Eu, Raflene, eu corro atrás das minhas coisas, dos meus direitos, eu não quero que ninguém tenha pena de mim, eu quero, eu estou aqui, não pra vocês terem pena de mim, mas pra vocês verem que tem um Deus que fortalece, que dá ânimo, que dá força, que dá vigor. Por mais que eu

esteja debilitada, mas eu estou aqui pra mostrar pra vocês que eu sou capaz, que nós todos somos capazes de ter uma vida melhor, de uma vida digna, diante de todos os nossos problemas, que não são poucos, mas que nós podemos vencer, com união, tá, buscando os nossos direitos de maneiras corretas, falando, não gritando, mas pedindo, com carinho, com mansidão, tá, porque a forma como eu falo com você pode despertar algo não muito legal de um pra outro, né? Então, é isso, gente. Eu não quero me estender muito, porque a minha amiga já falou, vai ter outras pessoas pra falar, e eu agradeço a presença de todos. E vocês, mulheres, que têm fibromialgia, que têm dificuldade, venham. Toda vez que você vê aquele convite lá que postamos, venham, vamos unir nossas forças, vamos olhar mais, vamos ter mais empatia um com o outro, tá, um cuidado, se colocar no lugar do outro, porque é muito fácil, né, você querer só o bom pra você e o ruim pro amigo ou pro vizinho, pro irmão, pro pai, pra mãe. Vamos respeitar e vamos tentar se colocar no lugar do outro, tá bom?

E eu agradeço, secretário. Agradeço a todos que estão aqui, obrigada, tá. E, mais uma vez, eu peço desculpa aí se eu me expressei mal. Que Deus abençoe todos vocês. E é isso, essa é a minha fala. Obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço as palavras da Raflene.

E agora convido a Carmen Barros, membra do Conselho Fiscal da Afibrac. Você dispõe de cinco minutos.

Oradora: Sra. Carmem Barros – Membra do Conselho Fiscal da Afibrac

Bom dia a todos e a todas!

Meu nome é Carmen. Sou paciente de fibromialgia há 12 anos. Faço acompanhamento. Eh, a nossa luta hoje é sobre a aceitação. Porque temos preconceitos, né, sofremos preconceitos. A não aceitação pela sociedade de achar que

nós temos frescuras, dengos, né, preguiça. E assim, é uma situação bem caótica para nós pacientes. Hoje, no Brasil, são sete milhões de pacientes fibromiálgicos que vêm lutando pelos seus direitos. Eh, eu venho aqui colocar a situação dentro da Fundação, da questão do atendimento. A Soron, ela é uma pessoa que tem lutado muito para que os funcionários entendam que nós temos os nossos direitos, mas os funcionários não aceitam, né. Quando a gente chega lá, eu, Carmen, já por três vezes já sofri situações de eu chegar às 6h da manhã, confirmar minha consulta e sair de lá meio-dia, me colocaram por último, mesmo eu mostrando a minha carteirinha, exercendo um direito que é meu, adquirido por lei. E os funcionários falam: "Todo mundo aqui tem prioridades". Aí eu: Tudo bem. Estou há seis meses aguardando a consulta com a reumatologista. Quando eu demoro muito, eu preciso pagar R$ 600 pela consulta, porque a Fundhacre não me chama. Tenho outros exames também pela Fundação aguardando e não sou chamada; alguns eu precisei pagar R$ 2.800. eh, não tenho condições, não sou uma pessoa rica, sou uma pessoa de classe média, né. Tenho ajudas das minhas filhas pra que eu possa pagar meus exames e minhas consultas. Existe uma carência dentro do Município também, dentro do Estado também. O Município é a questão de você ser atendida dentro dos módulos de Saúde, que eu acho que eles desconhecem a lei também da prioridade. Muitas vezes você chega lá pra ser atendido, você é o último a sair de lá, com dores. Eu tenho 22 pontos de dores diagnosticados no meu corpo. Você sabe o que é conviver com 22 pontos de dores? De não dormir bem, de acordar cansada, de sentir dores todos os dias? Mas, mesmo assim você tem que sorrir para o mundo e dizer que está tudo bem. Ultimamente eu fui diagnosticada com ressecamento ocular, o colírio que eu uso é R$ 78,00, que o SUS poderia muito bem ter nas prateleiras das farmácias municipais e estaduais. Eh, eu compro a Velija porque no Município não tem, eu tenho que comprar, que é a Duloxetina, né. São remédios que nós, pacientes fibromiálgicos, deveríamos ter; deveríamos ter uma equipe multidisciplinar e não temos. Existe a carência, como a Lene falou, de um psiquiatra, de um psicólogo, de um nutricionista, eh, do

reumatologista, do fisioterapeuta. As Práticas Integrativas, que é o PICS, são três mil pessoas na fila esperando. Você vai no CAPS, porque eu sou paciente do CAPS, não porque eu seja louca, porque tem pessoas que acham que quem vai no CAPS é louco, não tem um psiquiatra, tem o quê? Um clínico geral. Clínico geral não é pra tratar a psiquiatria, a psicologia. Dois psicólogos dentro do PICS, desculpem, dentro do CAPS, pra atender uma demanda enorme. Eu estou desde março aguardando o meu retorno com a psicóloga no CAPS, mesmo sendo um paciente fibromiálgico, porque eu também preciso fazer acompanhamento de depressão, entendeu, de outras situações. O paciente fibromiálgico, ele passa desde a reumatologia, como a Lene falou, ao psicólogo, ao psiquiatra. E nós não temos essa demanda dentro da Secretaria de Saúde Municipal, dentro do CAPS, a necessidade dos psiquiatras. As psicólogas estão sobrecarregadas. As Práticas Integrativas não têm funcionário suficiente pra nos atender, tem duas pessoas. Houve concurso público, poderiam ser chamadas essas pessoas pra melhorar pra nós, entendeu, pra demanda diminuir pra elas também, porque o servidor também fica sobrecarregado. Eu passo por situações de preconceitos, né, na minha família, na sociedade. E, assim, eh, Senhores Vereadores, né, vocês estão aqui hoje porque vocês representam a nós. E a gente precisa que essa causa venha a ser abraçada por vocês. Porque... Ah, paciente fibromiálgico é um paciente. Não, nós somos seres humanos, cidadãos. Votamos pra que vocês estejam aqui e é um direito nosso, porque pagamos nossos tributos, nossos impostos, nada vem de graça, o SUS não é de graça, porque o SUS existe porque nós estamos aqui. **(Presidente Vereador Matheus Paiva: Carmem, um minuto pra concluir, por favor).** Já? Você chega em outro estado, lá pro Sul, quando você chega lá, você já é atendido de imediato, já existe uma equipe pra te atender. Por que não fazer uma pesquisa, vocês vereadores, de como é que é a tratativa do paciente fibromiálgico em Rio Grande do Sul? Em Curitiba? E tentar trazer pra cá, pro nosso município, tentar melhorar? Porque a dor, ela não tem hora quando ela vem pra nós, que somos

pacientes. Que vocês criem mais leis e coloquem nos postos de Saúde as nossas prioridades.

Muito obrigada, gente. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço a fala da senhora Carmen Barros.

E convido agora a senhora Milvia Regiane da Silva Cavalcante, Primeira-secretária da Afibrac. A senhora dispõe de cinco minutos.

Oradora: Sra. Milvia Regiane da Silva Cavalcante – Primeira-secretária da Afibrac

Bom dia a todos! Eu me chamo Milvia, sou secretária da Afibrac. Tô nessa luta com as meninas aqui desde o ano passado, né. Nossa associação já tem um ano. E eu venho aqui falar com vocês a minha experiência como servidora pública. Eu sou servidora pública do estado. Eu já tenho 32 anos de contribuição e 17 anos de Iapen. Eu sou lotada no presídio, sou assistente social, mas, desculpem, eu não tenho condição, não tenho mais. Já apresentei cinco laudos pro Iapen e nada é feito, nada é feito. Eu me sinto negligenciada pelo Estado, vereador, me sinto negligenciada. Eu sofro muito. Todo mundo fala: "Ah, mas você vive rindo". Eu escolho sorrir e deixo pra chorar em casa, quando eu vou deitar na minha cama (fala emocionada). Eu sofro de dores. Sabe qual é o apelido que eu peguei lá no meu trabalho? Já fui chamada de bilosa. Você sabe o que é bilosa? Preguiçosa. Eu já fui chamada de preguiçosa. E eu tenho que estar lá com a cobrança de carga horária dentro de um presídio, atendendo os presos, tem dia que eu não consigo andar. Eu vou porque eu escolhi viver, mas tem horas que eu tenho vontade de desistir. Eu tenho vontade de desistir porque eu sou cobrada e eu não sinto empatia das pessoas (fala emocionada). Eu não sinto que lá no meu trabalho exista um amparo. Eu sou a única funcionária do Iapem que tem laudo e não é afastada. Eu trabalho no presídio há seis anos já, atendendo os presos e eu vou doente

trabalhar, eu vou doente. Eu vou doente e, às vezes, eu já saí lá de cadeira de rodas. Já cheguei a sair de cadeira de rodas, mas eu me sinto invisível para diretores, para presidente, para recursos humanos e os meus próprios colegas me julgam, eu sou julgada. E, desculpe a emoção e o nervoso, mas, assim, eu tenho que carregar isso comigo. Eu não tenho quem buscar ajuda profissional dentro da minha instituição, eu não tenho. Eu vim aqui compartilhar essa experiência porque, a nível de estado, acho que servidor público, na minha instituição somos cinco pessoas com fibromialgia, mas na nossa associação nós temos mais três servidoras públicas, somos três servidoras públicas dentro da associação. Eu me sinto negligenciada e invisível para o Estado e eu queria pedir ajuda. Eu tô aqui pedindo ajuda a vocês, não sei de que forma. Olha, em maio, eu pedi teletrabalho, anexei cinco laudos de reumatologia e quatro laudos do psiquiatra, eles negaram. Eles negaram o teletrabalho pra mim porque falaram que a minha função, sendo que a médica já pediu mudança de função, sendo que a minha função não dá direito a teletrabalho. Mas eu já trabalhei com teletrabalho na pandemia, eu passei a pandemia toda trabalhando com os presos e eu fazia teletrabalho. Eu ia lá, pegava toda a demanda, levava pra minha casa, encaminhava todos os presos com as suas demandas e devolvia a resposta, três dias depois eu ia lá e devolvia a resposta pra eles por escrito e encaminhava. E hoje eu não posso exercer essa função e nem posso ser reabilitada, sendo que eu tenho esse direito. Faltam dois anos pra me aposentar e eu pedi pra eles: por favor, que me colocassem num lugar menos tenso pra que eu pudesse exercer. Eu quero continuar trabalhando, mas eu queria exercer minhas atividades num lugar menos tenso possível e eles não aceitaram. Eu queria deixar o meu desabafo aqui e pedir apoio de vocês (fala emocionada).

Obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço as palavras da Senhora Mílvia Regiane.

E aproveito a oportunidade pra justificar a ausência da Senhora Soron Steiner, Presidente da Fundhacre. A Soron, na semana, ela já havia justificado que ela tinha uma audiência na Promotoria de Justiça marcada pro mesmo horário da nossa audiência pública. Acabei de entrar em contato com ela, ela falou que ainda está na reunião, mas finalizando lá, se ainda estivermos aqui, ela virá aqui, à Câmara Municipal, pra deixar algumas palavras.

Convido agora a senhora Maíra Hidalgo, representante da Divisão de Saúde na Escola da Seme. A senhora dispõe de cinco minutos. **(Vereador João Paulo: Pela Ordem, Presidente).** Pela Ordem, Vereador João Paulo.

Pela Ordem

Vereador João Paulo

Como o senhor fez a fala, eu fui Presidente da Fundhacre por três anos. Quando tinha alguma audiência pública, quando eu não podia ir, eu encaminhava um dos diretores que a Fundhacre tem. A Fundação Hospitalar, ela tem três diretores. Eu entendo que a função que a Presidenta atual exerce, eu exerci por três longos anos. Então, eu me acho extremamente habilitado pra falar, principalmente hoje representando a população de Rio Branco. Ela pode não ter vindo, mas ela poderia ter mandado um representante. Não justifica a Fundhacre não estar sentada também ao lado dos secretários, dos vereadores e da associação, não justifica.

Presidente Vereador Matheus Paiva

Concordo, vereador. (Aplausos).

Oradora: Sra. Maíra Hidalgo - Representante da Divisão de Saúde na Escola da Seme

Bom dia! Eh, gostaria de cumprimentar a Mesa em nome da nossa Vereadora Elzinha Mendonça. Meu nome é Maíra Hidalgo, eu sou nutricionista de formação. Atualmente, eu estou na direção da Divisão de Saúde na Escola da Secretaria Municipal de

Educação. Eh, já estive na Secretaria de Saúde, já estive pela UFAC, dando aula no curso de Medicina e Nutrição, na qual, na oportunidade, no curso de Nutrição, eu tive a oportunidade de trabalhar a importância da nutrição para as pessoas com fibromialgia. Eu tive, inclusive, a presença da nossa amiga Lene lá falando com os nossos alunos. E assim, sou uma pessoa com fibromialgia, né. Então, eu entendo todas as falas que vocês fizeram aqui porque eu também vivo isso na pele.

Mas a minha fala hoje, ela vai meio que pra outro ponto do que foi falado aqui, né. Na verdade, hoje, eu vim falar um pouquinho, eh, a epidemiologia, hoje, nós estamos 6,5% da população mundial, ela tem fibromialgia. No Brasil, nós temos 2,5% e cadastrados na Secretaria de Saúde, né, a gente fez esse levantamento, das pessoas da população de Rio Branco, 8,24% das mulheres são acometidas por fibromialgia; ou seja, nós estamos acima da epidemiologia mundial. E aí, na verdade, o que nós viemos falar hoje, como Secretaria Municipal de Educação, é falar pra vocês de um projeto que a Divisão de Saúde na Escola vai implementar agora nas nossas escolas, a pedido do nosso Secretário e Vice-prefeito, Alysson Bestene, onde com a nossa equipe técnica de fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais, educadores físicos e nutricionistas, nós vamos estar acompanhando os educadores, né, os nossos professores na nossa secretaria, nós vamos fazer formação com eles, fazer acompanhamento com a fisioterapia, atividades físicas, com a nossa enfermeira também e com os nossos parceiros, pra gente poder desenvolver ações pra que a gente possa minimizar as dores desses educadores e das pessoas que estão nas nossas escolas, né. Nós vamos fazer agora o levantamento de quantos funcionários nós temos com essa patologia e vamos fazer acompanhamento. A gente tem aqui também a presença do nosso fisioterapeuta, o doutor Matheus Henrique, que tá me acompanhando, as nossas acadêmicas de nutrição, onde a gente vai trabalhar toda a importância da fisioterapia, do acompanhamento fisioterápico, né, acompanhamento do nutricionista. Como que é a nutrição? Porque às vezes a gente vê que se toca muito na questão do reumatologista, do reumatologista, mas como que a nutrição, ela pode ajudar, né,

nesse paciente, né? A gente sabe que existem alimentos que são inflamatórios, a gente sabe que a nutrição, ela tem um papel importante. Dentro da academia, quando eu lá estava como professora, eu tentei trazer isso, e hoje nós temos acadêmicos que estão lá com a gente, né, na Divisão de Saúde na Escola, pra gente trabalhar isso. Porque eu vivi na pele, como que a nutrição, ela pôde me tirar de uma crise extremamente grave? Na verdade, é só pra fazer meio que uma propaganda do nosso projeto e dizer que nós estamos abertos, se algum vereador quiser nos ajudar também, né, com a parceria com isso, a gente pretende trazer outras pessoas e dar essa visibilidade e dar esse cuidado pros nossos educadores. A gente sabe que assim, a profissão de educador é uma profissão, né, já não tão muito valorizada, né, e a gente precisa lidar. E, assim, você imagina ter que lidar com uma criança que está correndo de um lado pro outro e você estando com dor. Então, eu fui docente durante dois anos e muitas vezes eu ia dar aula, só que eu dava aula pra adultos, né, então não é a mesma coisa. Então, assim, é só pra fazer um pouquinho da nossa propaganda, né, a pedido do nosso secretário, a gente veio hoje pra poder falar sobre esse nosso projeto, a gente está em fase de implementação, e quando ele realmente for implementado, a gente vai chamar vocês da associação pra estarem lá e também os nossos vereadores pra fazer parte desse momento que, assim, a gente, dentro da Divisão de Saúde na Escola, tá implementando.

Então, só agradecer pela fala e agradecer pela oportunidade e dizer que a Divisão de Saúde na Escola, lá dentro da Secretaria de Educação, nós estamos abertos a quem quiser nos visitar, conhecer os outros projetos, a gente também está com projetos sobre seletividade alimentar, outros projetos, então, quem quiser ir lá nos conhecer e nos ajudar, nos abraçar, será muito bem-vindo. Obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereadora Elzinha Mendonça

Nós que agradecemos pela sua fala, Maíra. Maíra, né? Maíra Hidalgo.

E, dando sequência à nossa audiência pública, que já se encaminha para os últimos oradores, eu convido a Rosa Maria de Souza Barbosa, que é da Cerest, né? Sesacre. A senhora tem cinco minutos na Tribuna.

Oradora: Sra. Maria de Souza – Cerest/Sesacre

Bom dia, senhores! Parabéns às falas que me antecederam. Eu sou Rosa Belo, eh, sou graduada em farmácia bioquímica, sou fibromiálgica, estou aqui representando o Cerest, que é o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Estado do Acre. Então, eu tenho essa dupla missão aqui. Trago o abraço do nosso coordenador, o nosso coordenador do Cerest, o Senhor Fernando Abreu, né, com votos de bons trabalhos para nós aqui.

A fibromialgia, que, na realidade, ela não é uma doença, ela é uma síndrome. E, quer dizer, então, não passa por um ponto, por uma causa, são vários, por isso que ela é multifacetada, inclusive ela tem que ser multitratada. Então, as falas que me antecederam foram muito bem colocadas, porque nós precisamos de uma equipe. Eh, a colega falou do SUS, né, eu sou uma defensora do SUS, estou aqui há 40 anos, então, estou aqui antes do SUS, não que eu seja velha, o SUS é que é novo. Mas, assim, o SUS é uma política maravilhosa, tem sim, não vamos dizer que não tem problemas, porque tem, e essa maravilha dele está exatamente por ele não ser um projeto acabado, né, então, ele vai sempre se reconstruindo e melhorando. Mas eu enfrento isso na iniciativa privada. Eu fiquei quase um ano, tá, com a minha consulta com a reumatologista pra ser feita, e eu pago plano de Saúde. Não que eu desacredite no SUS, mas, se eu tenho outra alternativa, eu deixo a porta aberta para outros que necessitem mais do que eu naquele momento. Eu não falto um dia do meu trabalho, quem me conhece sabe, eu sempre fui da luta, trabalhamos com o João Paulo, com a nossa enfermeira Celene, que é muito bem-vinda, ela está representando aqui a nossa Secretária Ana, que é uma lutadora, uma pessoa muito criteriosa, muito batalhadora, eh, muito feliz em estar sobre a gestão dela e do doutor Pedro também. Então, assim,

a gente, a fibromialgia..., não é que a gente possa pedir pra você sentir essa dor, porque a dor é subjetiva, só sabe quem a sente. Mas eu não falto um dia do meu trabalho, se eu não estou lá, eu estou em campo, e as pessoas falam: “Mas você tem direito, você tem direito de ficar em casa, você tem direito”. Eu digo: não, mas eu quero trabalhar, eu quero estar, porque, assim, eu enfrento a minha dor, não é ficando debaixo dos lençóis, nem me escondendo detrás das legislações. Nós temos três legislações: estadual, municipal e federal. A federal foi agora em 25 de julho, 15.176, que vai vigir em 2026, porque ela tem esses seis meses de carência. Então, assim, nós não queremos nos esconder, mas acho que a maior dor, que a gente sente a dor, como ela diz, é da cabeça ao dedo do pé. Mas acho que a maior dor nossa é a invisibilidade, porque as pessoas olham pra gente e dizem: “Mas você, não tem nada!”. Eu digo, mas eu não sei qual é o conceito de nada dele. Então, a gente sente dor, a gente tem uma gama de medicamentos pra ser tomada, eu sou farmacêutica, então eu sou inimiga de tomar medicamento, porque eu sei da causa e efeito. Mas a gente precisa, porque ninguém convive com dor e a dor, ela é generalizada. Então, tem dia..., mas eu não falto o meu trabalho, eu me levanto, sou cobrada pelo meu trabalho: “Preciso disso aqui, aqui, sendo feito”, trabalho de manhã, de tarde e de noite, a gente tem um distúrbio do sono. Então, assim, às vezes, eu me pego mandando mensagem pro grupo 4h da manhã, coisas importantes, eu boto no grupo e digo: não, não vai atrapalhar, porque de manhã eles vão ver. E as pessoas dizem: “Mas tu mandou uma mensagem era 4h, tu não dorme, não?”. Eu falo: quando dá eu durmo, mas mesmo assim, eu me levanto, faço minha fisioterapia, meu pilates, uma atividade muito importante é acupuntura, nós temos essa, é muito interessante. Mas, assim, a gente tem distúrbio de toda natureza. O distúrbio é musculoesquelético, nós somos músculo e osso. Então, aonde você pensar a gente sente dor, né, desde o coração, todo canto. Um dia desses, eu tive uma dor que não se sabia a causa, uma dor de cabeça, fui até pro neurologista pra fazer a tomografia, e, assim, aparentemente, você não tem nada, mas você tem tudo. Então, é muito importante essa iniciativa do Vereador Matheus. A Elzinha já é de

longas datas, desde o tempo que ela lutava com as hepatopatias, é uma pessoa muito, sinto-me muito bem representada por ela na Tribuna. A colega falou a questão do barro vermelho, que elas ficam na cadeira preta. Deixa eu falar pro secretário, é que a questão lá do Vila Ivonete, do Centro de Saúde, eu fui tirar minha carteirinha, secretário, e lá não tem nem cadeira preta, mas tem uma fila, que aí ninguém ali é bom, é doente, é com preferência, sem preferência, com prioridade, sem prioridade, ninguém pergunta; uma porta fechada, que eu acho que isso não se admite mais na administração atual. Por que estão as portas fechadas, todas lacradas? Bota um vidro naquela porta, ninguém tá ali cometendo nenhum crime. Então a gente, pra poder entrar, a gente tem que ser mal-educado e abrir a porta e dizer: olha, eu sou preferência, onde eu cheguei tinham 15 pessoas. Eu digo: mas eu sou preferência, eu sinto dor, a gente fica em pé; ela ainda tem a cadeira preta pra sentar, e lá? Então, secretário, eu queria que o senhor verificasse porque, assim, a gestão, muitas vezes não precisa nem de investir recursos, é só mudança de hábito. Então, precisa só isso. Se precisar da minha ajuda, eu também sou gestora, eu tenho mestrado, eu tenho doutorado, então, assim, eu posso contribuir com o nosso vereador, com a nossa vereadora, com quem quiser, com a Secretaria de Saúde, Celene está aí, eu estou muito feliz por ela ter retornado ao nosso convívio, porque ela ficou afastada um tempo, mas, assim, é uma pessoa também da luta, eu sou da luta, que há 40 anos ela também já estava. Então, e a gente nem por isso se entrega, né. Não, a gente não é velha, mas, assim, a gente é da luta, eu tenho o maior prazer. Eu tenho 65 anos, as pessoas dizem: “Ai mulher, tu diz a tua idade”, eu digo: feliz daquele que chegar, eu tenho 65 anos, sou feliz, mas eu sinto as minhas dores. Sou do enfrentamento, João Paulo sabe que eu sou do enfrentamento, a Celene sabe que eu sou do enfrentamento, mas não daquele enfrentamento mal-educado ou deseducado, mas do enfrentamento com causa, me propondo, eu sempre me propus, olha, tenho isso, há projetos, há tudo. Então, eu estou no Saúde do Trabalhador, agora mesmo fomos investigar um paciente, um trabalhador que foi acidentado, lá no Município de Assis

Brasil, fui pra campo, fomos naquele carro mesmo duro, às vezes tem carro confortável, às vezes nem tem carro, mas a gente vai, por quê? Porque o enfrentamento da minha doença é trabalhando, mas assim, a dor, ela existe. Eu gostaria que se respeitasse, que a gente não tá por trás de legislação pra se encostar. Eu, pelo menos, não estou, tá.

Muito obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço à senhora Rosa Maria pelas palavras.

E agora eu convido a senhora Natália Regina, da Associação Conviver com Fibro. A senhora dispõe de cinco minutos.

Oradora: Sra. Natália Regina – Associação Conviver com Fibro

Bom dia a todos dessa Casa! Só corrigir, é só um grupo de mulheres, não é associação. Meu nome é Natália, eu sou portadora de fibromialgia desde quando eu nasci. Tenho fibromialgia, doença do velho, que é um nome dado pelas hematologistas, que, apesar de eu ter 40 anos, mas eu tenho meus ossos de 80 anos e eles se esfarelam dia por dia. E é um prazer encontrar a minha amiga Milvia aqui. Trabalhamos muito no Mulheres da Paz, né, e, assim, é uma honra ter você aqui, tá, prazer em rever e os demais que estão dentro dessa Casa.

E hoje eu venho falar, não muito diferente da Presidente, do que ela falou sobre fibromialgia, mas também de alguns pontos que eu tenho colocado. E assim, realmente são 3% da população que tem fibromialgia no Brasil todo, equivalente a 7,7 milhões de pessoas. Temos três leis municipais, estaduais e federais, certo? E, assim, é muito importante, eh, a sinalização, eh, em setores públicos, tanto os estaduais, municipais e federais, pra identificar nós que somos portadoras de fibromialgia. Eh, eu costumo dizer que eu tenho pacientes, eh, quando eu fazia parte do Mulheres da Paz,

a gente entrava em muitos cantos, que a Milvia é testemunha, que muitos vereadores, deputados, senadores e etc. não chegam nem perto de lá. Enfim, estamos com a deficiência de reumatologista. E eu quero me direcionar aqui, cadê o secretário, por gentileza, eu vou esperar ele voltar pra mim falar olhando no olho dele, que a gente tem uma deficiência enorme, tanto Estado como Municipal, de reumatologista. A fibromialgia só é reumatologista? Não. Em 2015, os médicos, eles achavam que era somente dor. Dor ou dor. O último estudo que teve nos Estados Unidos, pela Associação AAPT, em 2019, eles não têm um diagnóstico fechado para as pessoas que têm fibromialgia. Não tem avanço de remédio, não tem avanço de tratamento, não tem nada que cesse essa dor exorbitante. E o que pode ser feito pra nós? Nada. O que pode ser feito é só o respeito por nós que temos dores, igual as demais falaram aqui, que a gente não é como se fosse pegar uma porrada de um pau ou quebrar-se uma perna, é uma dor que é interna, ela é interna. E, através dessa dor, a gente fica impossibilitada de trabalhar. Louvo a Deus pela vida da colega aqui que falou que ela não falta um dia de trabalho, louvo a Deus. Eu tenho um paciente que ele, eh, tá com três ou quatro semanas, apesar do amor que ela tinha pela filha, ela se matou. Ela se matou porque ela não conseguia suportar a dor que ela sentia, entendeu? O amor era maior pela filha, mas a dor era supermaior que ela colocou a corda no pescoço e ela se matou. Então, assim, hoje, o que nós precisamos, igual a Lene vem batendo na tecla, né, há muitos anos desse Centro, não é só uma reumatologista, não é só um fisioterapeuta, a doença atinge da cabeça aos pés. Uma coisa que o Estado e nem o Município oferecem pra nós são o exame de zinco, senhor secretário. Eh, se o senhor fizer uma breve busca, o exame de zinco é essencial pra nós que tomamos remédios para a mente. Toda pessoa que toma remédio pra mente, ela tem ou um nível alto do zinco ou um nível baixo. Nem pode ser alto e nem baixo. E aí você vai, Estado não tem, Município não tem. Toda medicação, todo exame que é solicitado pelo SUS é de obrigação Estado e Prefeitura darem o jeito deles pra fazer. Tem emendas que são feitas fútil. Eu digo fútil, por quê? Porque é uma coisa que não... Eu não vou nem falar

o que eu penso pra não gerar outros burburinhos. Mas, assim, coisas que são pra ser feitas, não tem. Outra coisa: as desinformações entre a equipe que trabalha tanto no Município quanto no Estado é exorbitante. Ó, eu acabei de sair da Fundação, eu preciso fazer um exame VHS. O exame VHS, eu estou aqui nesse ambiente, se eu for pro sol, quando eu for fazer o exame, ele já vai dar alterado, ele já vai dar superalterado. E os colegas que são responsáveis por diagnosticar essa bendita doença, eles não... ou a desinformação é contraversa, ou eles não procuram se atentar, por quê? Esse VHS é do tempo do bumba que eles podem optar pelo TAP, TTPA e pelo fibronogênio, então pelo PCR, que são exames que podem identificar uma inflamação no nosso corpo, concordam comigo? **(Presidente Vereador Matheus Paiva: Natália, um minuto pra concluir, por favor).** Só que eles simplesmente passam tipo de exame pra nós que a gente tem que estar correndo, fazendo curva pra achar, sendo que Estado, Prefeitura, pode se reunir, pode capacitar, temos uma deficiência de médicos, temos quatro reumatologistas para o Acre todo, município, qualquer coisa, não temos mais do que isso. Então, assim, senhor secretário, não teria uma possibilidade de a prefeitura fazer um projeto que vocês pudessem, eh, oferecer reumatologista dentro do município pra gente, pelo município também, já que o Estado oferece também, o Município também poderia oferecer também os reumatologistas, porque só a Fundação não da vença, é quatro médicos pra três mil pessoas, 80 pessoas, tipo, tem médica que vai pra Cruzeiro do Sul atender, se ela for, vai ficar só três. Já passamos três anos pra ser consultada, se uma for, vão passar dez, né. E, assim, há deficiência dos profissionais. E eu gostaria de pedir, pra finalizar a fala, que o senhor secretário visse a possibilidade de implantar esse exame do zinco, que é fundamental pra gente que toma essas medicações loucas, que não servem pra nada. Eu, praticamente, não tomo mais nenhuma, porque o último surto que eu tomei, eu tomei a pregabalina, com dois dias eu não sabia quem eu era mais, porque eu tenho uma resistência, que eu tenho que fazer um exame, que é R$ 3 mil, pra saber o tipo de droga que eu posso usar, tá. E desde já agradeço a minha fala, e, assim, agradecer à

Soron, a gente pediu alguns exames lá e vitamina D tá sendo feito, vitamina B2 tá sendo feito e o que não faz na Fundação, no Estado e nem Município, é o zinco e vitamina C, o resto a gente tá fazendo, tá bom? E, assim, só mais um pouquinho, só mais um minutinho. A gente tem essas audiências públicas, é a primeira vez que eu participo da audiência pública, mas eu não vou me negar a fazer um manifesto, por quê? Quando a Muralha de Jericó caiu, foi através de grito. Ah, foi o grito que derrubou? Não, mas o grito chegou até Deus, e Deus derrubou a muralha. Assim como os autistas, as mães atípicas, conseguiram muita coisa através de manifestação. Vamos ter conversas pacíficas? Vamos. Mas, se for preciso de manifestar, vamos manifestar, tá bom?

Obrigado. Que Deus abençoe vocês. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço as palavras da Natália.

E, agora, eu convido a senhora Rosimara Weber, responsável pelas práticas integrativas e complementares – PICS -, da Semsa. A senhora dispõe de cinco minutos.

Oradora: Sra. Rosimara Weber – Responsável pelas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PICS -, da Semsa

Gostaria de cumprimentar o Denhor Vereador Matheus Paiva, a Excelentíssima Elzinha Mendonça, o Secretário Rennan, a nossa querida amiga Lene, me permita chamar de forma carinhosa. Às demais autoridades aqui presentes, nosso... É porque eu sou alta, né? (Ri). Aos nossos colegas profissionais de Saúde, como a Rosa aqui, né, sou jovem ainda, não é Rosa? Viemos aí numa luta desde o início do Sistema Único de Saúde. E, em especial, a vocês pacientes com fibromialgia, que carinhosamente têm me dado a oportunidade de aprender com vocês.

Cuidar de pacientes fibromiálgicos exige muito mais do que a ciência, do que a Medicina, exige humanidade. As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde é um direito público, ela está no Sistema Único de Saúde desde 2006, apesar de a Organização Mundial de Saúde ter já regulamentado desde a década de 70. No Brasil, foram regulamentadas 29 práticas. Em 2023, no final da primeira gestão do prefeito, foi regulamentada a Lei Municipal das Práticas Integrativas. E agora, na gestão do secretário, foi criada a Divisão das Práticas Integrativas e Complementares. As práticas, elas não substituem o cuidado médico e o cuidado com os medicamentos, mas elas ampliam a possibilidade de cuidado, porque ela tem um olhar integrativo. Quando foi colocada aqui pelas falas da dor invisível, este ser que tem dores difusas, que não é muitas vezes invisível, mas que é um ser social, que tem uma família, as práticas vêm com este cuidado integral, através de vários cuidados que trazem a promoção à Saúde, à prevenção e ao tratamento. Hoje, o município tem buscado formação dos nossos profissionais, principalmente com o incentivo do Ministério da Saúde. Nós temos mais de sessenta profissionais na Rede Municipal de Saúde formados em auriculoterapia. Nós formamos, no ano passado, 20 profissionais em ventosa e moxaterapia, algumas práticas da medicina tradicional chinesa. Nós oferecemos também a yoga, a acupuntura, e acho que o secretário vai estar abordando aí, né, o número de atendimentos que nós estamos realizando no município, tá. Então hoje nós temos, eh, mais de sete mil atendimentos registrados no G-MUS, e a gente sabe, quem trabalha no Sistema Único de Saúde, o tanto que se perde de registros, né, poucos profissionais têm o hábito de registrar, mas são oferecidos nas nossas unidades de Saúde. Então, além do incentivo que o município vem fazendo em formar profissionais, a gente, eh, tem muitos profissionais que aderiram a esta prática e eles mesmos têm buscado a formação autônoma, né. Então isso demonstra uma grande adesão, tanto dos profissionais como do usuário. E quando a colega Carmen aqui coloca a dificuldade que nós temos para atender, ela é real. Hoje nós temos quase quatro mil, eh, registros de pacientes com fibromialgia no município. Então, nós necessitamos ampliar esses

cuidados menos agressivos, que traz um cuidado mais, eh, humanizado, um cuidado mais, eh, amplo, onde se vê não só a dor física, mas a dor emocional que a doença causa, toda a dor crônica. Quando se traz aqui uma proposta que a Lene coloca de a gente buscar um serviço de dores crônicas, né, eu acho que a gente tem que abraçar essa causa e a gente tá num espaço que eu parabenizo esta Casa, porque eles são os grandes aliados pra que a gente possa desenvolver um trabalho com o olhar para pessoas tão especiais.

Muito obrigada. Estou à disposição para um debate que eu possa contribuir com vocês e com o nosso público. Muito obrigada por todo o carinho de vocês. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Obrigado, Senhora Rosamara.

E, senhores, vou precisar quebrar um pouco o protocolo porque o Vereador Bruno Moraes tem uma agenda e, antes de ele ir pra essa agenda, ele quer deixar a sua contribuição aqui pra nossa audiência. Então, vou passar cinco minutos do tempo pro Vereador Bruno Moraes e, em seguida, a gente retorna com os representantes.

Vereador Bruno Moraes

Bom dia! Bom dia a todos! Queria, eh, dar as boas-vindas a todos vocês que estão na galeria, a vocês convidados, secretário, eh, sejam sempre bem-vindos a essa Casa de leis, mas também de debates, de fazer com que alguns temas, eh, façam com que a sociedade debata e veja.

Eh, eu primeiro queria parabenizar, de fato, o Matheus por trazer esse tema, ao Vereador Matheus, e fazer essa audiência pública. A gente, embora que estejam 21 vereadores, e cada um têm a sua bandeira, não é João? Como alguns sabem, a gente tem uma bandeira, o Bruno, eh, tem uma bandeira de falar de terceirização, de trabalhadores terceirizados, é uma bandeira que eu me apaixonei desde 2013 e venho

lutando. Mas, além de tudo isso, a gente, às vezes, se pega por alguns temas e você traz contigo, eh, como uma bandeira de luta também. E a fibromialgia, pra mim, é muito delicada, porque não é só vocês que sentem dores, eu sinto dor também. Todos os dias eu vejo minha mãe, que mora comigo, sofrer com dor. E, quando fui eleito, disse pra ela e pra algumas pessoas que a fibromialgia não vai ser invisível (aplausos), que essas doenças invisíveis, a olho nu, não são invisíveis pra quem convive também, pros familiares, pros amigos. Então, falar de fibromialgia é falar de dor crônica, mas eu também tô aqui pra falar de esperança, porque a gente precisa unir ciência com políticas públicas; precisa unir a humanidade, empatia, sensibilidade, isso é um conjunto. Então, eh, Rosilene, que é a Lene, falou de invisibilidade, falou de um censo no Estado, ah, e de algumas reivindicações, mas que, com a visibilidade, a gente consegue solucionar muitas reivindicações. Então, queria agradecer à Lene, eu queria acadecer à Raflene, à Carmen, à Mílvia, à Maris, à Rosa Maria, à Natália e a todos que estão na galeria. Enquanto o Vereador Bruno Moraes, enquanto eu estiver como representante da nossa população, seja na Câmara Vereadores, seja em qualquer outro lugar, podem ter a certeza absoluta que a fibromialgia não será invisível e que eu vou lutar com todas as forças pra que esse Centro de Dores Crônicas, de fato, saia (aplausos).

Então, muito obrigado. Muito obrigado a todos. Sejam sempre bem-vindos a essa Casa. E que Deus abençoe a todos vocês.

Presidenta Vereadora Elzinha Mendonça

Obrigada, Vereador Bruno Moraes.

Eh, antes de o Vereador Matheus vir, eu queria só fazer um aparte aqui. Eh, quando o Matheus Paiva falou pra mim sobre essa audiência pública, eu falei: Matheus, isso é pensar em pessoas que tanto precisam, é uma pauta muito importante, que realmente ela não pode e não vai morrer. E aí a fala de todos aqui, a fala do Bruno, eh, da Lene, a

gente nota que é uma luta que agora ganhou mais pessoas pra que a gente possa estar, eh, lutando em favor dessa causa tão importante. Eu achei que a audiência seria diferente, mas ela superou (ri).

Passo a palavra ao nosso Presidente.

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço as palavras e a emoção do nosso colega, Vereador Bruno Moraes.

E agora convido para subir na Tribuna a Senhora Aline, representando a Rede PCD da Sesacre. Aline está presente? Aline.

Oradora: Sra. Aline – Representante da Rede PCD da Sesacre

Bom dia! Meu nome é Aline, estou atualmente na coordenação da Rede de Cuidados da Pessoa Com Deficiência da Sesacre.

Essa audiência é muito importante, é um tema muito relevante. Nós fizemos algumas anotações aqui que vamos levar pra frente, pra dar continuidade a esses questionamentos e acreditamos que iremos fazer de tudo pra que sejam realmente implantadas as solicitações aqui. Por exemplo, vou falar da carteirinha da fibromialgia, como foi citado. Nós tivemos uma reunião, há pouco tempo atrás, referente da carteira, já estamos em tratativas e esse ano ainda essa carteira vai sair, a nível estadual (aplausos), pra ficar de acordo com, por exemplo, como a carteira do TEA, né. A pessoa vai poder solicitar tanto, eh, virtual, por meio digital, né, quanto presencial; então nós já estamos nessas tratativas. Referente também ao Centro de Dor Crônica: eu cheguei há mais ou menos três meses e vimos que já teve umas tratativas referentes a esse tema e nós vamos dar continuidade. Nós vamos dar continuidade, porque a gente sabe que esse atendimento multidisciplinar é muito importante para as pessoas com fibromialgia, para as pessoas com dor crônica. E a questão também da capacitação dos profissionais, também vamos levar pra frente a capacitação desses

profissionais que trabalham no atendimento direto às pessoas com fibromialgia. A gente sabe que, eh, muitas pessoas erram até sem saber, sem saber daquele atendimento prioritário que a pessoa com fibromialgia tem. Então, a gente vai estar conversando, vai estar ofertando essas capacitações aos servidores e capacitando a respeito também da lei de atendimento prioritário, que a gente sabe que tem aqui, pro ano que vem vai ser a nível nacional, né, que já é uma grande vitória também pra causa, essa lei a nível nacional que reconhece o fibromiálgico como pessoa com deficiência. E vamos estar levando à frente essas tratativas e, em breve, trazendo, se Deus quiser, ótimas devoluções para vocês, tá bom. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Obrigado, Aline.

Pessoal, estamos caminhando aí pro encerramento, já são 11h15, e agradeço aos que estão aqui desde o início. Teremos aqui a fala de mais duas pessoas, do nosso Secretário de Saúde e vamos finalizar com a fala dos vereadores, desde já agradeço a compreensão de todos. Se eu puder fazer um pedido, peço que aguardem até o final, porque eu terei boas notícias pra dar a todos vocês.

Então agora eu convido a doutora Aline Ramalho, Presidente da Comissão de Saúde da OAB, pra dar as suas considerações. Dispõe de cinco minutos. (Aplausos).

Oradora: Dra. Aline Ramalho – Presidente da Comissão de Defesa da Saúde da OAB/Acre

Bom dia a todos! Quero cumprimentar a Mesa em nome do Vereador Matheus, que fez esse requerimento pra essa audiência tão importante. Quero cumprimentar também a todos os presentes e parabenizar pela presença em um debate tão importante pra aqueles que hoje têm o diagnóstico da fibromialgia. Eu sou Aline, eu sou advogada, estou aqui hoje como Presidente da Comissão de Defesa da Saúde da

OAB/Acre, mas eu sou enfermeira e sou servidora do município, sou lotada no Roney Meireles. Trabalho no município há 20 anos e não posso deixar de falar que eu também possuo o diagnóstico de fibromialgia. Tenho esse diagnóstico há mais de 10 anos. E durante, né, essa minha estrada no Município, eu também sofri preconceito, eu também peguei o nome de enrolona, de preguiçosa, né, porque, afinal de contas, as pessoas não veem a dor, elas não te veem com membro quebrado, elas não te veem, eh, em cadeira de rodas, então elas não sabem o quanto essa dor é limitante, beirando até o insuportável, né. Eh, eu me sinto privilegiada por ter condições de ter um plano de saúde, de ter acesso aos medicamentos, de ter acesso aos médicos, porque não é só a dor, o paciente acaba tendo outros problemas, como problemas de visão, problemas odontológicos, por conta da fibromialgia, né. E, eh, ter acesso a psicólogo, psiquiatra, fisioterapia quando necessário, posso fazer academia, mas essa não é a realidade da grande maioria das pessoas que têm fibromialgia. Eh, aqui, né eu ouvi, nas diversas falas, a dor e o sofrimento de que cada uma dessas pessoas passa. E ouvi também em relação à questão das prioridades, que não são respeitadas. Infelizmente, isso é uma realidade, né. Inclusive, eh, no município mesmo, eu já presenciei, e como eu trabalho lá no Roney Meireles, muitas vezes me perguntam: “Esse aqui tem prioridade?”. Realmente eles não sabem. Então, desde já, eu me coloco à disposição, secretário, para treinamentos referentes à legislação, à questão das prioridades, não só da fibromialgia, mas outras, por quê? As pessoas precisam aprender a reconhecer quem é prioridade. Por exemplo, eu tenho só idosos, mas todos eles estão bem, né? Quem tem acima de 80 anos? Autistas, né, ele tá com acompanhante, só o meu filho vai ter a prioridade ou a pessoa que tá acompanhando também tem? Então, assim, é extremamente necessário que isso ocorra. Enquanto representante da OAB, eh, o nosso papel também é social. E um dos nossos papéis também é a conscientização da sociedade quanto aos direitos das pessoas com fibromialgia. E, assim, nós, em conversa, né, com a Diretoria da OAB, nós iremos intensificar esse trabalho através de podcasts, através de palestras, através de eventos em que fomos convidados pra falar

dessa invisibilidade, pra que essas pessoas deixem de ser invisíveis. Não é fácil, não é fácil conviver com uma doença invisível, não é fácil você sofrer discriminação, né. Discriminação porque você tem uma doença e você não pode controlar. Então, hoje, eh, eu também quero falar que, tanto o Estado quanto o Município, eles precisam aprender a trabalhar de forma preventiva, com vistas a evitar demandas judiciais, isso porque nós temos uma lei municipal, nós temos leis estaduais, temos uma lei federal que entrará em vigor agora em janeiro. Então, cada vez mais as pessoas estarão mais conscientes de seus direitos e cobrarão mais, né. E o que nós, né, enquanto Município e Estado, pode fazer pra evitar problemas? Porque nós sabemos, né, estou finalizando já, estou de olho no tempo pra não estender, nós sabemos que a gente só fecha a porta depois de roubado, né, então, a gente só vai atrás de resolver um problema quando esse problema já tá instalado, né. Então, o meu papel aqui hoje é me colocar à disposição, né, pra os treinamentos, pra divulgar a legislação, pra ajudar no que for necessário, secretário, pra que o serviço do Município seja melhorado. Eh, nós sabemos que o serviço, ele depende muito de quem está à frente, né, graças a Deus, hoje eu tenho o privilégio de ter uma gestora, né, a gerente da minha unidade, que é muito sensível às questões de saúde dos servidores, né. Inclusive ela também tem fibromialgia, ela tem lúpus, então ela compreende melhor do que ninguém o que é ter essa invisibilidade.

Eu agradeço a oportunidade e, mais uma vez, me coloco à disposição. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço à doutora Aline.

E, antes de ouvirmos a fala do nosso Secretário de Saúde, Rennan Biths, convido aqui, representando a senhora Ana Cristina, Secretária-adjunta da Sesacre, a Senhora Celene Maia para fazer suas considerações. A senhora dispõe de cinco minutos.

Oradora: Sra. Celene Maia – Representando a Sesacre

Bom dia a todos! Eh, eu não poderia deixar de me manifestar enquanto Secretária de Saúde.

A dor de vocês é legítima. A gente entende, a gente sente. Quando vocês falam que é uma dor invisível, é invisível para quem não tem visão de 360°, para quem não compreende o que é viver e estar dentro da Saúde, onde nós temos que enxergar o paciente como um todo. Temos que enxergá-lo integralmente, não é pela dor que ele sente, não é pelo que ele tá manifestando, mas é pelas suas necessidades. Então, eu quero dizer pra vocês que os pedidos que vocês fizeram aqui são bem legítimos, eu vou levar todas as reivindicações pra secretária que me colocou aqui pra representá-la. Eu vou levar pra ela, vou levar pro secretário Pedro as reivindicações de vocês. É muito justa quando vocês falam de acolhimento, não são só vocês que não são acolhidas, mas são os pacientes que chegam nas unidades. Eu também queria dizer aqui que me sensibilizei muito com a fala da Mílvia, quando ela fala do trabalho dela, que não houve, não está havendo esse acolhimento para as dores que ela tá sentindo, por tanto que ela já contribuiu. Eh, eu entendo, eu entendo. Então, assim, eu enquanto Secretaria de Saúde, procuro acolher os servidores da Secretaria de Saúde que chegam com essas dores porque o servidor também não tá bem, o servidor também tá muito adoecido. Já existe uma política do governo federal pra esse acolhimento, pra esse atendimento ao servidor, que também não está bem. Então, assim, vocês podem ter certeza que a fala de vocês me tocou e eu já tenho esse lado mais humano de compreender, né. Me tocou, é legítima, nós vamos levar. Eu acredito que avanços virão, assim como no início da fala dela, ela fez uns agradecimentos por pequenas coisas que foram ouvidas, e quem sabe essas outras não serão. Ficou muito na minha cabeça essa questão de vocês serem acolhidas, serem reconhecidas dentro da necessidade de vocês. E eu já pensei aqui o que é que eu vou fazer pra começar esse processo, porque esse é um processo: processo de capacitação, mudança de comportamento, fazer as pessoas compreenderem e aprenderem a se colocar no lugar do outro. Não vai ser fácil, mas eu vou começar a provocar dentro da Secretaria de

Saúde essa questão da capacitação e do acolhimento, não só a vocês, mas a todos os pacientes que necessitam, porque quem vai procurar um serviço de Saúde não vai porque quer, vai porque tá precisando, tá.

Muito obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço à senhora Celene.

E agora convido para fala meu amigo Secretário de Saúde, Rennan Biths, a qual mais uma vez eu agradeço pela presença, Rennan, a sua presença aqui hoje é de fundamental importância pra essas pessoas, pra nossa Casa Legislativa e, principalmente, pra saúde da nossa capital. O senhor dispõe de cinco minutos.

Orador: Sr Rennan Biths – Secretário Municipal de Saúde

Bom dia a todos! Primeiro, eu gostaria aqui de cumprimentar e parabenizar o Vereador Matheus. A gente tem conversado já há alguns dias sobre esse momento, né e eu fico muito feliz de ver, né tudo acontecendo, acho que como foi colocado aqui, acima das expectativas que Vossa Excelência tinha dessa audiência, né, então lhe parabenizo. Cumprimento e parabenizo também a minha amiga, Vereadora Elzinha, que tem aqui auxiliado meus trabalhos. Aproveito a oportunidade aqui pra cumprimentar a todos os fibromiálgicos, acho que esse é o termo correto, né, em nome aqui da Rosilene, a Presidente da associação.

E dizer pra vocês que, acho que, diante do tempo, e eu vou ser bem rigoroso com relação a isso, porque tem outras falas ainda pra gente encerrar as atividades, mas cumprimento também aqui todos os vereadores que eu anotei aqui, que passaram e alguns continuam aqui. A Vereadora Lucilene; o Bruno Moraes, que fez uma fala aqui também, que nos emocionou; Vereador Zé Lopes; o Neném Almeida, que também esteve conosco aqui; e o Vereador João Paulo, que é um profissional da Saúde,

inclusive Presidente da Comissão de Saúde, é alguém que conhece muito bem da realidade de tudo que foi exposto aqui até agora. O meu papel aqui principal, eh, nesse momento, é muito mais de ouvir, e isso eu tenho tentado fazer durante a nossa estadia ali à frente da Secretaria Municipal de Saúde, né, tem sido a minha principal ferramenta, tem sido ouvir, ouvir, né, acolher todas essas percepções, mas principalmente os sentimentos, porque hoje nós estamos tratando aqui claramente, né, de uma condição que, apesar de ela ser silenciosa aos olhos, né, ela é profundamente, eh, ruidosa pra quem sente, né, porque são pacientes, e além de pacientes, são profissionais, como foi colocado aqui, são mães, são filhos, né, que convivem, eh, com uma dor crônica, que convivem com o distúrbio do sono, né, que convivem, eh, com a fadiga intensa, e que isso produz vários impactos na rotina, no dia a dia. E aqui, trazendo pro lado do trabalho, da profissão, inevitavelmente apresenta uma perca de rendimento ou de produtividade, não por uma decisão deliberada, mas como uma consequência dessa condição, né. Então, essa invisibilidade que é colocada aqui, e que eu vejo que também, até por parte das falas, a gente vê a empatia da dificuldade de entender que as pessoas enxerguem isso, por não ter nenhum elemento visivelmente característico, né, e que isso requer, eu acho que um exercício muito grande, eh, por parte da sociedade como um todo, mas por parte também, eh, especialmente, eh, das instituições de Saúde, dos profissionais da gestão como um todo. Nesse aspecto, eu acredito que o Vereador Matheus deva preparar, junto com a equipe da Câmara, um relatório de tudo o que foi pontuado aqui. Então, não vou me ater aqui a estabelecer uma resposta pra tudo que eu anotei, e eu anotei muita coisa, porque eu acredito que essa audiência vai se produzir um relatório que vai chegar ao conhecimento da Secretaria Municipal, da Secretaria Estadual, né, pra que a gente possa avaliar e tomar as medidas necessárias, né. Mas eu poderia adiantar já alguns pontos que, enquanto eu estava ouvindo e conversando com a equipe aqui, eh, eu já me inteirei de algumas situações, especialmente com relação ao exame da vitamina D. Realmente teve um período que esse exame não estava sendo realizado na rede, mas

eu gostaria de dizer aqui já que ele está normalizado, né. Então, assim, o laboratório que, eh, realiza esses exames, né, e já dispõe hoje, eh, dos reagentes, de tudo o que é necessário pra realização desse exame, né, que realmente estava, sem ser ofertado pela rede, mas eu queria já informar pros senhores que é um problema que já foi corrigido, né, e que agora, já na próxima semana, já vai estar disponível pra todos os usuários do sistema (aplausos). (Mulher fala fora do microfone). Tá, com relação a esse exame da vitamina D, que foi o que foi falado anteriormente, eu já me certifiquei e tô informando que isso já tá regularizado, esses demais eu posso pegar com a senhora e pedir até pro "Tom" anotar, né, que a gente já pode até dar uma resposta aqui enquanto termina a audiência. Eh, mas enfim, então, essa síndrome hoje, né, se a gente for buscar aí na literatura, estima-se que de 2% a 4% da população, eh, tem a prevalecência dessa síndrome. Aqui, na Cidade de Rio Branco, há uma estimativa que algo em torno de 12.500 pessoas possam ter a prevalecência dessa síndrome, só que nós hoje temos apenas 1.200 pessoas cadastradas na nossa rede de atenção de saúde do nosso município. Pessoas com carteiras, que já têm a identificação, que já fazem parte da rotina de monitoramento por parte da Secretaria Municipal e esses pacientes são acompanhados, né. Na gestão, a gente lida diariamente com recursos escassos. Infelizmente, a gente não tem condição de fazer tudo que é plenamente necessário e que é o desejo da gestão também. Mas a gente tem feito um esforço muito grande, isso tem sido um pedido recorrente do nosso Prefeito Bocalom: que a gente consiga avançar na ampliação, mas também na qualificação dos serviços que são prestados, eh, pra população, né. E pra esse público específico, nós temos aí, eh, um trabalho que é realizado, né, nas nossas unidades, com a equipe multidisciplinar, nós temos o envolvimento dos Agentes Comunitários de Saúde que fazem esse monitoramento, nós temos as práticas complementares integrativas, que foi falado aqui. Então, nós temos em média, anualmente, 13 mil procedimentos realizados e desses procedimentos, aproximadamente 80% é direcionado pra esse público específico, né, que é um trabalho que é pouco visto pela sociedade, mas tem um conjunto de

profissionais capacitados, qualificados, que têm realizado esse atendimento. Esse investimento na qualificação é algo que tem sido perseguido pela gestão, pra que a gente possa realmente instrumentalizar melhor os profissionais das unidades de Saúde, pra que possam lidar melhor com essas realidades que acontecem lá na ponta, né. E eu tenho dito isso e repito: os grandes protagonistas dessa história são os servidores que estão lá na unidade, é onde realmente a Saúde acontece, e nós, na gestão, temos trabalhado pra poder equipar e qualificar pra que esses profissionais tenham a melhor técnica possível e os melhores recursos possíveis pra poder desempenhar, eh, esse papel. Então, isso tem sido as medidas que têm sido adotadas. Eh, com relação à audiência aqui, a partir do momento que a gente tomar conhecimento aqui formalmente de todas essas demandas que foram colocadas aqui a gente vai implementar todas as ações, eu destaco aqui a importância nessa questão de organizar um pouco melhor o fluxo de atendimento pra que minimize a possibilidade do constrangimento, garanta, eh, um atendimento mais rápido e mais confortável, né, pra esse público, e isso fica, eh, o nosso compromisso aqui, né, enquanto Secretário Municipal de Saúde, de continuar avançando na qualificação desse atendimento, né. Mais uma vez, agradeço aqui a oportunidade e parabenizo, né, o nosso vereador pela propositura desse momento, que chega ao fim e fica aqui mais do que evidente da importância, né, dessa audiência, e eu não tenho dúvida que dela sairão aqui encaminhamentos, decisões, que com certeza vão, de alguma forma, melhorar a qualidade de vida desse público, né, que hoje vem aqui e pede socorro e todos nós ouvimos, e fica aqui o nosso compromisso de, eh, realizar todo o esforço possível, né, pra dar as respostas que possam garantir um atendimento melhor para os senhores e para as senhoras na nossa rede municipal de Saúde. Muito obrigado. (Aplausos). (Mulher fala fora do microfone). Com relação ao exame, como eu falo, eu não tenho condição de dar a resposta pra você agora, né, porque demanda um conjunto, eh, de variáveis que a gente não tem como, eh, se comprometer aqui. E com relação a essa questão dos reumatologistas, assim, a gente precisa entender, eh, que a Saúde

funciona dentro de um sistema que tem delegações de competências, distribuições de competências. Então isso tudo depende dum diálogo, de uma pactuação entre, eh, o Poder Público Municipal, o Poder Público Estadual, né, com relação à oferta desse serviço. Algo que eu posso adiantar, pra senhora e pra todos aqui, é que há uma dificuldade muito grande de contratação de profissionais. Nós estamos agora finalizando a prefeitura, por exemplo, um concurso em andamento, do qual você inicia esse concurso com a expectativa de contratar 50 médicos, aí você tem a aprovação de 37 médicos e, quando você faz a convocação, tem a posse de 17. Um concurso público desse demora 3, 4 anos pra você conseguir cumprir todas as etapas seguindo o que a lei impõe, e você chega no final dele, infelizmente, com essa condição. Então nós temos uma escassez muito grande de profissionais. O Poder Público, o Município assim quanto o Estado, tenho conversado muito com o Secretário Pedro, tem uma dificuldade muito grande de fixação de profissionais e principalmente profissionais especializados, então isso vai além da vontade. Nós lidamos hoje realmente com limitações, dentro do mercado profissional, que inviabilizam, às vezes, esse desejo, essa intenção de ampliar a contratação de profissionais pra atender essa demanda. (Mulher fala fora do microfone). Ao exame, sim. Inclusive, eu penso que isso fique inserido aí no relatório que vai ser encaminhado pra gente e, pontualmente, a gente vai encaminhar aqui pra Casa e, depois, talvez pra Associação, os encaminhamentos, como que a gente vai lidar com as demandas que vão sair dessa audiência aqui e conte com o nosso compromisso sim, de fazer tudo que for possível pra implementar esse exame na nossa rede municipal. (Mulher fala fora do microfone).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço a fala e a contribuição do nosso Secretário Rennan Biths. E só pra reforçar, Rennan, a nossa equipe irá formalizar o ofício com todos os encaminhamentos que foram debatidos aqui nessa audiência pública e encaminhar não só pra Secretaria Municipal de Saúde, mas como pra Sesacre e também pra Fundação Hospitalar.

Orador: Sr Rennan Biths – Secretário Municipal de Saúde

Só um minuto mais, eh, vereador. E eu queria também mencionar que, assim, a gente já tem tomado medidas importantes, inclusive a nossa Presidente Rosilene, eh, tem acompanhado isso, nós temos já em fase de implementação uma campanha de conscientização, né, da sociedade como um todo e dos nossos profissionais através das redes sociais, da secretaria, através dos canais de comunicação que nós dispomos. Então, desde, salvo engano, março, nós já vemos reiteradamente tratando desse assunto, eh, através dos meios de comunicação que nós dispomos. Uma dessas peças, inclusive, contou com a participação direta da nossa Presidente, né, porque a gente já havia identificado essa necessidade dentro da gestão desde o início do ano. A nossa equipe já, em interação com os próprios atores que estão presentes aqui, já tinha compreendido essa dificuldade, né, e a gente já tem adotado medidas. Dentro dessa campanha o próximo passo, inclusive, é conseguir consolidar, inclusive, algumas peças já estão aprovadas pra gente ter uma comunicação visual que nós vamos implementar em todas as nossas unidades da rede, justamente pra que a gente possa, eh, trazer visibilidade pra essa invisibilidade da causa que nós estamos tratando aqui nessa manhã. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Mais uma vez, agradeço pelas contribuições do nosso Secretário Rennan Biths.

Seguindo com o rito da nossa audiência pública, neste momento, farão uso da palavra os vereadores inscritos. Concedo a palavra ao Vereador Zé Lopes. Vossa Excelência dispõe de cinco minutos.

Antes de o vereador fazer o uso da fala, gostaria de pedir que os que puderem ficar até o final, após a fala do nosso vereador, faremos uma foto oficial aqui na frente.

Obrigado.

Vereador Zé Lopes

Muito bom dia a todos! Quero cumprimentar aqui, eh, vou pedir licença ao Presidente dessa audiência pública pra cumprimentar todos os presentes nas pessoas das pacientes fibromiálgicas que hoje estão aqui. E eu quero te agradecer, Matheus, porque eu não entendia muito bem do assunto, não tenho nenhum parente próximo que sofre com essa doença invisível e a gente não tem noção da dor e dos desafios que essas pessoas enfrentam diariamente, principalmente com a compreensão das pessoas, com a falta de tato nos atendimentos, isso realmente são consequências graves, além da dor extrema que essas pessoas enfrentam todos os dias. Então é importante trazer essa pauta aqui pra gente. Também minha colega, minha vizinha aqui de cadeira, Vereadora Elzinha Mendonça. Agradecer ao secretário pela presença, é importantíssimo, secretário, que eu já fiz algumas audiências públicas também, a participação de vocês do Executivo, isso mostra compromisso com a população, mostra seriedade e mostra que realmente a pauta é importante e é séria também pro prefeito, pro governador, que são as pessoas que têm a caneta na mão e que vão conseguir realmente fazer uma diferença nessa luta, nessa caminhada de vocês, que é tão difícil, tá.

Eh, eu quero dizer que eu tenho um compromisso, tenho um compromisso com essa pauta e vou estar sempre à disposição de vocês nessa luta pra que a gente possa trazer um alento, pra que o remédio chegue, pra que os servidores da Prefeitura, do Governo do Estado, de todas as instituições, eles tenham esse olhar mais cuidadoso na hora de atender, na hora de receber e na hora de dar o encaminhamento, tá. Faço aqui um compromisso de apoiar todos vocês pra que sejam tratadas com mais dignidade.

E já vou pedir licença aqui ao Presidente, porque eu tinha um compromisso às 11h, tá, Vereador Matheus, eu tinha um compromisso às 11h, eu não vou poder ficar pra foto, tá, mas eu tô sempre à disposição. Dizer que, no final do ano, todos nós vereadores vamos ter uma oportunidade de indicar emendas e, se vocês estiverem com o projeto,

com a associação bem regular, direitinho, faço questão também, deixo meu telefone, doutora Adriana tem meu número, né, ô meu Deus, Aline, lá da OAB, minha colega de OAB também e faço questão de ajudar no que for possível, tá bom.

Parabéns, muito obrigado e contem comigo. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço as palavras do nosso colega parlamentar, Zé Lopes.

Concedo a palavra ao vereador João Paulo. Vossa Excelência dispõe de cinco minutos. Vereador João Paulo aí, que é um mestre na oratória, possui uma experiência riquíssima na área da Saúde. Então, a gente dá um minuto a mais pro Vereador João Paulo.

Vereador João Paulo

Bom dia a todos! Os dois minutos do Vereador Zé, que sobrou, eu quero pra mim, Presidente, por favor. **(Presidente Vereador Matheus Paiva: Concedido, vereador (ri)).** Eu prometo ser bem... (ri). Eh, primeiramente agradecer a Deus, porque nós estamos hoje aqui porque Deus preparou esse momento; se Ele não tivesse preparado nós não estaríamos aqui. Então eu sempre gosto de louvar o nome do Senhor a cada momento que a gente se encontra, Rennan, pra falar de vidas, pra falar de projetos, pra falar de cuidado, porque Deus prepara tudo, e Deus Ele é amor e Ele é cuidado. Então nós estamos hoje aqui, eu sei que aqui todo mundo tem uma religião, todo mundo é cristão, todo mundo crê nesse ser superior que nos mantém firmes nas nossas caminhadas. E queria fazer uma saudação especial a todas as mulheres, na pessoa da Lene, na pessoa da Milvia, que deixaram bem claro aqui, através das suas falas, quão sofrimento gigantesco e grande é que vocês passam todos os dias na vida de vocês. Saudar aqui o Presidente Matheus, que está presidindo essa sessão, uma sessão extremamente importante. Parabenizar a presença aqui das nossas duas

vereadoras mulheres, que trazem, são a voz da sensibilidade dentro dessa Casa Legislativa, que é a Vereadora Elzinha Mendonça e a Vereadora Lucilene Vale, que estão sempre debatendo, discutindo políticas públicas. E parabenizar aqui a presença do Secretário Municipal de Saúde, secretário, é importantíssima a presença do Executivo. E eu sei que o senhor tem inúmeras atribuições pra fazer, porque eu já fui gestor público, eu presidi a Fundhacre, fui o primeiro diretor do Hospital de Amor, fui diretor da Policlínica do Tucumã, trabalhei na Secretaria de Saúde por quase oito anos, então durante 16 anos da minha vida, eu trabalhei no Sistema Único de Saúde. E sei que o SUS, ele é encantador, como a Rosa falou aqui, ele é algo que nos enche o peito discutir, debater e falar do Sistema Único de Saúde. E nos leva muito tempo, quando nós nos dedicamos a discutir políticas públicas. Então, o senhor estar aqui representa muito para essa Casa. Primeiro, respeito com a população, respeito com o Legislativo e uma oportunidade de construir bons encaminhamentos para a saúde pública. Então, parabéns, seja bem-vindo à casa de todos nós.

E, antes de eu seguir falando um pouco mais do papel, eh, dessa discussão, dessa audiência, no melhoramento dos nossos serviços, eu queria fazer um destaque: não desistam de lutar; não desistam de chorar; não desistam de clamar, porque na hora que a gente desiste da batalha e da luta fica mais difícil conseguir chegar no objetivo que a gente quer. Eu sei que não é fácil falar, dona Raflene, se expor, chorar diante das pessoas. Eu sei que não é fácil, Milvia, mas nós precisamos ouvir pra sensibilizar o Executivo, o Legislativo, a Sociedade Civil Organizada. O secretário falou uma coisa que é fundamental: a questão não é só a saúde em si, a questão é a sociedade como um todo. Aqui poderia estar também, Vereador Matheus, eu sei que o senhor deve ter feito o convite pra todos, a Secretaria de Assistência Social, porque nós estamos falando de questões sociais. A mulher..., e é uma doença relativa e predominante no sexo feminino, infelizmente, a mulher, ela tem jornada dupla, tripla, quádrupla, quíntupla, e por aí vai, porque vocês mulheres fazem tudo aquilo que nós homens não conseguimos fazer, vocês são mães, esposas, conselheiras, cuidadoras e ainda tem que

se cuidar. Então, de fato, a gente vê que nós precisamos unir todos os pontos de atenção e a assistência social, secretário, acho que o senhor concorda comigo, ela é fundamental dentro dessa discussão. A rede de assistência social, trazer o CRAS pra dentro dessa discussão, trazer os dispositivos da assistência social junto com a Saúde. E aqui foi falado vários problemas. Eu, enquanto vereador, não vou citar os problemas, porque vocês, como usuários do SUS, trouxeram os problemas a nível estadual e a nível municipal, os problemas existentes dentro das redes de atenção à saúde. As redes de atenção à saúde, elas são redes que têm os serviços disponíveis para nós, usuários e nós temos dificuldade nas nossas redes de atenção. Foi falado aqui pela, acho que é tesoureira a senhora, dona Carmen, a Conselheira Fiscal da Associação, do CAPS, eu, enquanto psicólogo de formação, que sempre irei ser, estou vereador, mas vou ser psicólogo sempre, a senhora falou de algo que realmente é uma problemática que nós temos hoje a nível macro, a saúde mental precisa ser debatida. Nós temos poucos psiquiatras, o secretário concorda, nós temos poucos psicólogos e eu conversava ali com a enfermeira Celene, que foi minha chefe, nós temos hoje dificuldades, a colega perguntou sobre a questão do especialista do município, de fato, hoje o estado do Acre só tem cinco reumatologistas; psiquiatra, nós temos pouquíssimos; neurocirurgião, neuroclínico, se não for a empresa terceirizada que o estado tem, nós iríamos ficar sem. Então, nós temos uma dificuldade hoje que afeta a todos nós, usuários do SUS. Eu sou usuário do Sistema Único de Saúde, eu, com muito orgulho, eu uso o SUS, a minha família toda usa o SUS. Então, nós temos dificuldade hoje em muitos especialistas, e acaba acarretando na dificuldade do tratamento de vocês, pra troca de uma receita, pra um exame ser executado. De fato, nós precisamos debater e discutir e ver qual é o melhor caminho e a viabilidade melhor do serviço. É o município, em algum momento, fazer um Termo de Cooperação Técnica com o estado, contratar uma empresa de especialidade, ter um serviço de especialidade? Eu sei que o secretário vai debater sobre isso em algum momento com todos nós, ele falou pra mim há alguns meses que tá fazendo um estudo técnico, vendo as dificuldades que o

município enfrenta. Então, assim, nós estamos à disposição, essa Casa Legislativa está à disposição. Então, eu acho que quando a gente une em forças, cada um com a sua visão, cada um com a sua garra, cada um com o seu domínio técnico na sua área, a gente consegue avançar. E nós precisamos, de fato, usar a política, não pra fazer politicagem, mas nós temos que usar a política para debater as necessidades que a sociedade tem. Aqui nós recebemos mães atípicas, aqui nós recebemos portadoras de diversas deficiências, que trazem pra nós as dificuldades que tem a nível de município e a nível de estado. Quando eu citei anteriormente que a Fundhacre não está na pessoa da Presidente, mas poderia ter encaminhado um representante, é porque é real e legal. Nós temos que debater em todos os âmbitos, porque o Sistema Único de Saúde, ele é dividido por esferas: Governo Federal, a União tem a sua responsabilidade; o Governo Estadual, através das secretarias, tem a sua responsabilidade; e o Municipal também. E parabenizar, Celene, leve ao Secretário Pedro o agradecimento dessa Casa. Vi você, Rosa do Cerest, a moça que falou, que eu acho que é da área técnica, que já trouxe boas notícias. A Rose, minha amiga e colega também do Sistema Único de Saúde. Então, eu acho que quando a gente debate com todos na mesa a gente tira encaminhamentos concretos. O que não dá é de ver o sofrimento e a necessidade acontecendo todos os dias e não tirar encaminhamentos concretos. Então eu só tenho a agradecer primeiramente a Deus, a todos vocês, parabenizar o Matheus, e dizer pra vocês: se Deus viesse à nossa porta, como seria recebido? Aquele que bate à nossa porta em busca de conforto para a sua dor, para o seu sofrimento, é um outro Cristo que está procurando acalmar a sua dor. Irmã Dulce, Dulce dos Pobres. Essa frase é uma frase da Irmã Dulce, que diz que aquele que bate à nossa porta é porque está procurando acalentar a sua dor. Então se vocês estão aqui hoje sofrendo, com dor, por mais que a cadeira seja desconfortável, mas desconfortável porque a dor é interna, como foi colocada, a gente precisa acolher essa dor e tirar um encaminhamento concreto de fato e tentar melhorar, de alguma forma, os nossos serviços, porque vocês são todos merecedores.

Então, que Deus abençoe, um bom final de semana, e, mais uma vez, parabéns, Vereador Matheus. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço a contribuição rica, a oratória perfeita do nosso colega, Vereador João Paulo, que sempre sábio nas suas palavras.

E agora, concedo a palavra à minha amiga e vereadora secretária desta audiência pública, a Vereadora Elzinha Mendonça. Vossa Excelência dispõe de cinco minutos.

Vereadora Elzinha Mendonça

Meu Deus do céu! João Paulo, da próxima vez, eu me inscrevo antes de você, viu. Porque falar depois do João Paulo é brincadeira (ri). Bom dia a todos! Primeiramente, eu quero agradecer a Deus pela oportunidade de estarmos aqui nessa audiência pública tão importante. E eu quero cumprimentar, de forma muito especial, o Vereador Matheus Paiva, que hoje nos está presidindo essa audiência pública, que é um instrumento de extrema relevância, porque sabemos que daqui nós estaremos fazendo um documento, eh, fazendo um relatório, levando todas as falas, todas as reivindicações para os setores competentes. Eh, Matheus Paiva tem sido um prodígio, né. E eu acredito que, se eu, que sou amiga dele, colega de trabalho, estou orgulhosa, imagino a mãe dele, a Dona Sara, que tá ali, deve estar, assim, cheia dos orgulhos. E agradecer porque ele me deu o privilégio de secretariá-lo, porque no dia em que ele apresentou essa proposta, ele disse: “Eu gostaria de convidar a minha amiga Vereadora Elzinha Mendonça”, então me senti muito honrada, Matheus, por poder contribuir junto com você nesse momento. Quero também cumprimentar aqui o nosso Secretário de Saúde, Rennan Biths, que muito tem feito na Secretaria de Saúde, né. Rennan tem sido uma pessoa que tem uma sensibilidade, enquanto todos estavam falando aqui desse tema tão sensível, o Rennan, com certeza, estava anotando ali ao meu lado, pra tomar as devidas providências que lhe cabem, né. Então eu agradeço,

muito importante a presença dele aqui, porque é onde a gente pode fazer essa ponte, né, Legislativo e Executivo. Eu quero também cumprimentar cada um dos demais convidados, né.

O Matheus, quando me convidou, me ligou: “Minha amiga, vamos me ajudar com a audiência pública”. Eu disse: amigo, não é fácil, não, porque quem vê close não vê corre, né (ri). Então, pra gente organizar é muita responsabilidade, a gente tá lidando com um assunto que é sensível, um assunto que merece todo o nosso compromisso, nosso comprometimento, mas eu falei pra ele: chame as pessoas que eu tenho certeza que vai ser um sucesso, porque o sucesso é: a gente, justamente, ouvir cada pessoa, ouvir a dor de cada uma de vocês. Uma situação que eu estava ali conversando com o Matheus, ele disse: “Elzinha, a predominância é em mulher, né. E a gente tem que estudar isso pra gente compreender, como que a gente vai defender se a gente não sabe!” Eu falei: Matheus, é, acontece com homens também, mas a predominância é em mulheres, né, em virtude de questões hormonais que eu estava pesquisando, né, na questão genética, enfim. Mas o fato é que esta síndrome, ela tem afetado toda uma sociedade, né de mulheres. E eu tenho exemplo, eu sempre falo, a Raflene sabe, a Lene sabe, eu tenho uma irmã que ela tem a fibromialgia e os efeitos são terríveis. Eu convivo com ela e ela me relata. Então, assim, uma coisa é você falar, outra coisa é você sentir. E agora, Lene e Raflene, tem uma segunda irmã, e aí eu me preocupei, eu digo: opa, uma é diagnosticada e tem outra que está fazendo os exames, e que provavelmente seja. Então, assim, como a gente não estar realmente comprometido, né, em contribuir? Outra situação que eu queria colocar, o Matheus falou assim: “Olha, Elzinha, a minha mãe”..., eu falo muito do Matheus porque a gente tem uma amizade muito grande, né Matheus, desde a faculdade. Ele é novinho assim, tem idade pra ser meu filho, mas a gente estudou junto, tá, gente? E aí ele falou: “A minha mãe, ela também tem fibromialgia, mas eu tenho receio de falar e ser mal-interpretado”. Mas eu quero dizer pra ti que não é, não vai acontecer má interpretação, muito pelo contrário, se é uma síndrome invisível, é aí que você tem que falar, porque ela é a

prova viva daquilo que todas essas pessoas estão sofrendo, e é aí que você vai poder dizer: eu vou me esmerar mais em fazer mais por essa pessoa. Porque já pensou, uma pessoa que sente dores todos os dias. Toda vez que eu ouço a Raflene e a Lene aqui na frente, eu já sinto a dor delas, delas duas, né, porque elas são essa representatividade, né. Então, eh, eu quero dizer que eu fico feliz porque na outra Legislatura, tinha a Vereadora Lene que encampava essa luta, né, como a Lene colocou aqui, mas dessa vez um jovem vereador, ele trouxe essa pauta à tona, e eu falei lá pra Lene, lá no Teatro da UFAC: Lene, acredite, não desista, ele está se colocando, enquanto ele se coloca à disposição pra trazer, pra encampar essa causa, os demais vereadores estarão junto com ele. E eu reafirmo aqui nesta Tribuna, já finalizando a minha fala, dizendo que eu me coloco à disposição enquanto vereadora, enquanto mulher, enquanto representante da população de Rio Branco. Eu acredito que, se Deus nos colocou nessa posição, eh, numa posição onde nós podemos ser voz, onde nós podemos lutar junto com vocês, pra que possamos contribuir pra amenizar esta dor. Então finalizo, mais uma vez agradecendo a Deus, agradecendo cada um de vocês, também agradecendo a cada um dos vereadores, que vocês perceberam que eles estão comprometidos sim com a causa das pessoas que mais precisam.

Meu muito obrigada, que Deus abençoe e vamos à luta. A fibromialgia não vai ficar invisível. Nós estamos aqui pra ser voz, nós estamos aqui pra nos unir a todas vocês. Obrigada. (Aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Mais uma vez agradeço pelas palavras de apoio, de carinho. Eh, nossa amizade, eu e a Elzinha, como ela falou, já vem desde os tempos da faculdade, nós estudamos juntos e agora somos colegas parlamentares e trabalhamos juntos, buscando soluções reais pra nossa população.

Pra finalizar a fala dos vereadores inscritos, concedo a palavra à Vereadora Lucilene Vale. Vossa Excelência dispõe de cinco minutos.

Vereadora Lucilene Vale

Eh, bom dia a todos! Quero, de uma forma muito especial, eh, cumprimentar o meu nobre e querido amigo Matheus Paiva pela proposição da sessão que ele propôs hoje, pela sua preocupação também, né. Ontem, nove e pouco da noite, o Matheus estava dizendo: "E aí, conto amanhã com vocês lá!" (ri). Então, assim, pelo que ele vem trazer a essa Casa. Quero também cumprimentar toda a família da fibromialgia, né, em nome da nossa amiga Lene. Quero dizer a vocês que eu ouvi o relato de cada um aqui bem atentamente. Saber também que eu tenho pessoas na minha família, né, eu também, eu tenho certeza que eu tenho fibromialgia, só não fui ainda atrás do médico porque, assim, tantos problemas na vida já e a gente, às vezes, o tempo não dá. Mas, assim, pelos relatos que eu tenho. Então, assim, também quero dizer que já passei por dois cânceres. Então, assim, vocês aqui falando, né, e eu ouvi atentamente cada uma, né, cada dor. Quero também cumprimentar aqui o meu Secretário de Saúde Municipal, Rennan Biths, pelo seu comprometimento de estar aqui hoje, né, ouvindo essas pessoas. Cumprimentar também todas as pessoas que vieram, né, da Sesacre também, que é uma importância muito grande pras pessoas que estão aqui, né, vir ouvir também, trazer, ouvir e levar as nossas pautas, que as pessoas tanto precisam, né, e anseiam por isso.

Então, assim, quero dizer a vocês que realmente dor não é fácil, né, só quem passa pela dor é quem sabe. Realmente a fibromialgia é uma causa realmente que tá alarmante, né, a gente sabe que é em todo, praticamente no mundo inteiro. E, assim, dizer a vocês que eu estava aqui, até me emocionei pelas palavras de muitas que falaram aí, levando aquela dor, sabendo o que passam realmente. A minha amiga aqui falou que tem, queria muito ficar ao menos em casa a sua disposição pra trabalhar de casa, mas nunca teve a oportunidade, que não deram. Mas, assim, quero dizer a vocês

que essa Casa sempre está aqui comprometida, né, com o Matheus, com todo mundo, pra gente ajudar no que for necessário, levar a voz, né, das pessoas que tanto precisam, que tanto clamam. E dizer também, né, eu também tenho o meu amigo João Paulo, que é da área da Saúde, mas eu também, antes de eu ser vereadora, né, eu trabalho há 28 anos também na Saúde, eu tenho, trabalhava em farmácia, em breve, se Deus quiser, o ano que vem me formo em farmacêutica. E já vivo de experiência tem muitos anos, né, no ramo de Saúde e ajudo muita gente. Eu estava aqui, atentamente, com vocês falando da dificuldade da medicação, né, porque a gente sabe que é uma medicação cara. A medicação pra fibromiogia é uma medicação cara, que é a duloxetina, pregabalina, e os demais, que não só são um, mas essas duas medicações são muito caras. São caras e são medicações que precisam de receitas especiais. Se você não tiver, você não compra. E a receita, ela tem a validade, simplesmente, só de 15 dias. Então, muitas vezes, as pessoas, como dizem, eu ajudo muita gente, né, comprando medicação, no qual as pessoas... seria bom se todos nós tivéssemos condição de comprar, né? Mas a gente sabe que as pessoas, a maioria, não têm condição de comprar medicação, que é muito cara, e às vezes, pela nossa própria renda, porque às vezes é pouca, nossa renda às vezes é pouca e o remédio é muito caro. Uma caixa de medicação custa cento e poucos reais. O velija, a duloxetina, que tem vários outros nomes, né? Então, eu conheço bastante. Pregabalina é muito cara também. Então, assim, eu entendo atentamente aqui, eu sei que é difícil, eu sei que é dolorido, né. E, realmente, ela só alivia a dor, nem passa, realmente, a dor, né. Então eu quero dizer a vocês que a gente tá aqui, né, nessa causa juntos também. Eh, estou sempre à disposição, tá.

E, mais uma vez, parabenizar o nosso amigo Matheus. Quero aqui agradecer, viu meu secretário, já lhe agradeci, por você estar aqui conosco sempre, o Secretário de Saúde sempre está aqui à disposição de nós, da população de Rio Branco, sempre, com certeza, fazendo o melhor por toda a nossa população. E, assim, quero dizer a todos que sejam muito bem-vindos, né. Que Deus abençoe cada um de vocês, tá. E dizer que,

realmente, dor não é fácil. Dor, ela dói. E quem tá com dor, ele não espera pra amanhã, né? Então, assim, meus agradecimentos a todos que estiveram presentes até agora. Mais uma vez, parabenizar o Matheus, a sua mãe que está aqui presente, a minha amiga Elzinha. E, assim, muita gratidão a Deus, a todos e um bom final de semana. Obrigada, gente (aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Agradeço as palavras da querida amiga Lucilene Vale, nossa vereadora.

E, neste momento, passo os trabalhos a Secretária, Vereadora Elzinha Mendonça, para que eu faça minhas considerações finais.

Secretária Vereadora Elzinha Mendonça

Concedo a fala ao vereador Matheus Paiva. Vossa Excelência dispõe... três minutos, Matheus Paiva. Cinco minutos.

Vereador Matheus Paiva

Senhores, estamos nos encaminhando ao final dessa audiência pública, 12h05. Primeiramente agradeço a todos os presentes na presença dos portadores de fibromialgia que, mesmo com dificuldade, dificuldade no transporte, dificuldade aqui em passar bastante tempo sentados. Alguns, a gente percebe, levanta, senta, levanta, senta, não é porque quer ir embora não, é porque tá sentindo dor. Então, aos que estão aqui até agora, o meu muito obrigado. Muito obrigado aos servidores desta Casa, que me ajudaram na condução dessas atividades. Como a minha amiga Vereadora Elzinha Mendonça falou, não é fácil organizar uma audiência pública. Agradeço à querida Lene Queiroz que, quando eu reuni com ela, a Lene disse: “Matheus, eu sinceramente, eu não quero mais participar de audiência pública. Por quê? Porque, em outras audiências públicas as pessoas não vão, os portadores de fibromialgia têm dificuldade e se sentem desmotivados em participar das audiências

públicas. Os representantes dos órgãos de Saúde não vão, não querem ouvir a nossa dor". E eu disse: Lene, se vocês se calarem essa dor vai continuar invisível. Nós não podemos perder as esperanças. Eu preciso de você nessa audiência pública. Eu quero ajudar vocês e eu quero me comprometer com a causa. E a prova é tanto que já deveríamos, pelo tempo, ter encerrado, mas lotou. Lotou a galeria, lotou a sala de sessões e tinha muita gente pra falar. Tentei ali, ao máximo, seguir o rito, seguir o horário permitido pra cada um, mas a dor, ela não pode ser calada. E nós temos aqui o nosso Secretário de Saúde que, mais uma vez, eu agradeço pela sensibilidade e pela presença. Ele já fez a sua contribuição. Nós sabemos da agenda intensa do secretário, mas mesmo assim ele fez questão de ficar até o final, desde as 9h da manhã. Então, Rennan, muito obrigado. Esse é o Rennan que a gente conhece, porque desde o início ele tá ali anotando. E já me cobrou ali o encaminhamento do ofício com todas as dificuldades, com tudo o que foi dito aqui por vocês, as solicitações que vocês fizeram nessa Tribuna, e nós iremos fazer. Obrigado, Lene. E gostaria de fazer um agradecimento especial a essa amiga que já tá no terceiro mandato e que tem me ajudado bastante. Eu, conversando com ela, disse: Elzinha, a minha mãe tem fibromialgia, mas eu tenho medo de falar isso em público, eu tenho medo do que as pessoas vão interpretar. Vão achar que eu tô lutando pela causa só pela minha mãe. Eu sei a dor que ela passa, eu sei a dificuldade que é no sono, as dores do dia a dia. E eu tinha decidido, não, eu vou convidar ela, ela vai ficar quietinha lá no lugar dela. Mas se nós estamos buscando aqui acabar com a invisibilidade da doença, por que eu vou esconder a doença da minha mãe? Então, pessoal, eu sei a dor de vocês, eu convivo dentro da minha casa, sei das dificuldades e nós estamos juntos nessa causa. Quero agradecer também aos vereadores que se fizeram presentes, mais uma dificuldade que a Lene enfrentava lá no passado. Ela disse: "Matheus, só tinha a Lene Petecão, que não está mais aqui, e a Elzinha, os outros não se faziam presentes". O quórum mínimo para as nossas sessões legislativas era o mínimo de sete vereadores. E hoje nós batemos esse quórum mínimo de sete aqui. Temos até agora a Vereadora Lucilene

Vale; a Vereadora Elzinha Mendonça; o Vereador João Paulo, que acabou de se ausentar, acho que ainda deve estar pela Casa; o Vereador Neném Almeida, que chegou bastante cedo, mas tinha outras agendas a cumprir; o Vereador Zé Lopes; o Vereador Bruno Moraes, que deu um testemunho emocionante aqui em cima, que também sabe da dificuldade que a mãe dele passa com a doença. Então, mais uma vez, o meu muito obrigado a todos.

Vou iniciar aqui o meu discurso. Estamos chegando ao fim dessa audiência pública, mas saímos daqui com a certeza de que este é apenas o início de uma caminhada que precisa ser firme, séria e comprometida com a transformação da realidade de quem convive com a fibromialgia. Ouvir cada relato hoje, acima de tudo, foi um exercício de empatia, foi compreender que a dor, quando invisível, muitas vezes também é ignorada. Diante disso, nosso papel de agente público não é apenas escutar, mas sim agir com responsabilidade, coragem e sensibilidade. Com base nessas falas, na necessidade e na realidade que ouvimos aqui, anuncio a apresentação de dois importantíssimos projetos de lei. **O primeiro projeto de lei que dispõe sobre a isenção da taxa de inscrição em concursos públicos municipais para candidatos diagnosticados com fibromialgia, removendo barreiras econômicas e garantindo acessibilidade ao serviço público. E o segundo projeto de lei que dispõe sobre a concessão de gratuidade no transporte público coletivo urbano para pessoas diagnosticadas com fibromialgia no Município de Rio Branco (aplausos), assegurando o direito de ir e vir para consultas, tratamentos, atividade cotidiana, sem o peso financeiro adicional.** Essa foi mais uma dificuldade que a Lene me falou naquela reunião “Matheus, eu não sei se as pessoas vão conseguir chegar até a Câmara por dificuldade no transporte, às vezes só tem o dinheiro da passagem de ida”. Eu disse: Lene, convide, que eu vou pagar a van para ir buscar e deixar essas pessoas em casa. E aqui elas estão (aplausos). E falei pra ela do projeto de hoje, que também conto com a colaboração dos meus colegas parlamentares na aprovação do projeto quando chegar aqui nessa Casa Legislativa, nessa Sala de Sessões. Lene me disse que já haviam outros

projetos parecidos no passado, mas foi vetado pela gestão. Eu disse: Lene, fique tranquila, que essa Legislatura é uma Legislatura nova e renovada e tenho certeza que esse projeto vai passar aqui na Casa. Também, esse foi improvisado, vou até quebrar um pouco o protocolo. A Lene me chamou ali no cantinho e disse: "Matheus, nós precisamos de emenda parlamentar". E eu garanti ali pra ela e falei que iria anunciar aqui a **destinação de emendas parlamentares para as práticas integrativas e complementares – PICS (aplausos),** a qual a Rosimara está aqui representando e deu um excelente discurso. Rosimara, o valor eu ainda não sei, mas vou sentar com a equipe, vou ver o valor que ainda tem e pode ter certeza que, se teve alguma destinação no passado, o valor que a gente vai destinar não vai ser menor do que essa não, pode ter certeza! (Aplausos). Essas são medidas concretas para combater a desigualdade e reconhecer que dignidade e mobilidade também são direitos de quem convive diariamente com dor e limitações funcionais. **Quero reforçar os encaminhamentos que serão levados adiante por essa audiência pública: Requerimento à Secretaria Municipal de Saúde para a criação de um protocolo específico de atendimento para fibromialgia na rede básica, também com cópia para a Secretaria de Estado de Saúde; Encaminhamento para a Prefeitura de Rio Branco para ampliar a campanha de cadastramento de pacientes e emissão de cartões de identificação; Relatório final, com todas as demandas ouvidas aqui hoje e encaminhados ao Secretário de Saúde, Rennan Biths.** Aproveito aqui também pra registrar a presença, olha aí, a presença do Vereador Rutênio Sá (aplausos), que chegou aí nos acréscimos, mas já deu a sua contribuição de emenda para as PICs. E finalizo lembrando que nenhuma política pública é efetiva se não nascer da escuta. Hoje essa Casa Legislativa foi um espaço de escuta e amanhã será um espaço de decisão, de mudança e de ações concretas. Às pessoas que vivem com fibromialgia, reafirmo: vocês não estão sozinhas! Essa audiência é sobre vocês, por vocês e continuará sendo com vocês, porque agora vocês têm um parlamentar para defender,

não só um, mas eu tenho certeza que os meus colegas que aqui se fizeram presentes vão me ajudar a defender essa causa.

Muito obrigado. Que Deus nos abençoe nessa missão de cuidar, incluir e transformar. (Aplausos).

Vereadora Elzinha Mendonça

Antes de passar a palavra, vamos convidar todo mundo que tá na galeria pra vir para cá pra podermos fazer um registro. Repasso o trabalho ao Vereador Matheus Paiva.

Presidente Vereador Matheus Paiva

Antes de encerrar a presente audiência, vou conceder dois minutos pra Presidente da Afibrac, Lene Queiroz, quer fazer um agradecimento especial ao secretário Rennan Biths pela sensibilidade. Lene, a senhora dispõe de dois minutos, pra gente poder fazer a foto oficial e encerrar nossa audiência.

Oradora: Sra. Lene Queiroz – Presidente da Afibrac

Olá. Eu quero fazer um agradecimento ao Secretário Municipal de Saúde, mais uma vez pela presença dele, né. É muito bom ter a presença do gestor, do secretário aqui pra nos ouvir. Eu quero lhe agradecer em especial, eu ia fazer esse agradecimento na audiência pública que teve na ALEAC, né, mas não foi ninguém representando, que era a criação do ambulatório das PICs, né. Eu acho que isso foi um marco aqui pra Rio Branco, porque o ambulatório das PICs, as PICs, como a Rosemaria falou, faz parte do tratamento da fibromialgia, porque o tratamento da fibromialgia não é um tratamento só medicamentoso, nós precisamos das terapias pra aliviar as dores. Eu mesma já fui atendida lá nas PICs. Tem relato de colegas que chegaram lá com 100% de dores e saíram lá, eh, quase sem dores, né. Então, assim, parabéns pela secretaria, pela prefeitura ter criado esse ambulatório das PICs. E vai ser um marco nós conseguirmos a criação do ambulatório de dor crônica. Eu acredito que com o apoio dos vereadores,

com o apoio da Semsa e da Sesacre, nós podemos conseguir, porque na lei que foi sancionada agora, federal, fala do tratamento multidisciplinar. Eh, no Município de Cachoeirinha/RS, como eu falei, a população é menor que a população de Rio Branco e lá foi criado o ambulatório de dor crônica. E eles pegaram aqueles funcionários já ali do Município e estão lá no ambulatório e conseguiram a emenda de R$ 100 mil pra comprar os equipamentos ali. Se lá eles conseguiram, por que aqui nós não podemos conseguir? Vocês vão entrar pra história, o secretário que ajudou a criar o ambulatório. Então eu peço a ajuda de vocês, a ajuda dos vereadores, essa é a nossa luta da associação. A associação sempre vai procurar o diálogo, é isso que nós fazemos: reuniões, audiências públicas, pra fazer nossas reivindicações. Muitos falam assim: "Ah, a fibromialgia virou uma causa política". Sim, virou, porque os políticos estão abraçando a causa e nós precisamos dos políticos para que as políticas públicas sejam efetivadas. Então, eu conto com a presença, com o apoio dos vereadores, pra que nós conseguimos ter esse ambulatório, esse centro de dor crônica aqui em Rio Branco/Acre e também conto com o apoio dos vereadores pra destinar emendas parlamentares pras PICs também, que tanto necessitam, né, e pra nossa causa.

Agradeço a oportunidade (aplausos).

Presidente Vereador Matheus Paiva

Declaro encerrada a presente audiência pública e convido os pares para a Sessão Ordinária dia 19 de agosto, terça-feira, às 8h, neste plenário. Convido a todos pra vir aqui na frente pra gente tirar a foto oficial. (Lene fala fora do microfone). Perfeito.